



O MINISTÉRIO ADVENTISTA



ANO 20 NOVEMBRO-DEZEMBRO DE 1954 Nº. 6





Ordenando Ministros

GRAVE responsabilidade recai sobre qualquer igreja que convoca um concílio ministerial a fim de ordenar um de seus membros para o ministério evangélico. Deve ser exercido pela igreja o maior cuidado possível a fim de que homem algum seja chamado perante um concílio sem que haja sido feita investigação ampla de seus méritos. Nunca assume a igreja tão inteiramente o lugar de seu Senhor como quando escolhe um de seus membros para a ordenação. Verdadeiramente, nenhuma ordenação deve ser feita sem haver acórdio unânime de que a mão do Senhor está posta sobre a vida de quem é separado para o ministério. Poucos candidatos há que atinjam o nível elevado de Jorge Matheson. Ao ser ele ordenado, em 8 de abril de 1868, pelo presbitério de Dunoon, para assumir o pastorado de Innellan, na Escócia, fez uma declaração de que reproduzimos parte:

“O pregador de nossos dias precisa, não somente ser homem de conhecimentos universais mas, até certo ponto, de natureza universal, também. Deve nele estar amalgamada alguma coisa da vida de todos os homens. Tem que nele haver a profundidade de pensamento do filósofo, com a simplicidade da expressão da criança; a mente perspicaz do adulto, com a fé meditada dos anos já em declínio; a força espetacular da juventude, com o senso santificado, casto e humilde da fraqueza. É preciso haver argumento para quem duvida e confirmação para o confiante; animação para o temeroso e aprovação para o bravo; brandura para o errante e tolerância para com o forte; e ilimitada, infundável caridade para com todos. Quem se filia à igreja torna-se estudante da mais nobre das escolas; não a simples escola de ciências, mas a universidade das almas. Seus livros precisam ser selecionados, não meramente das letras mortas duma página impressa, mas das epístolas vivas e indelévels de uma miríade de corações humanos. Senhores, em vós reconheço eu os assuntos de meu futuro estudo. Desde priscas eras nos é dito que o ministro é o professor do povo; creio que em tudo quanto vale a pena saber-se, os indivíduos são os professores do ministro”. — *The Watchman-Examiner*.

“A Minha Graça te Basta”

“Como se algum peixinho estivesse muito sedento e preocupado com tragar o rio a ponto de esgotá-lo, e Pai Tâmisia dissesse: ‘Bebe, peixinho, as minhas águas te bastam’.

“Como se um ratinho nos celeiros do Egito, após os sete anos de fartura, temesse morrer

de fome, e José houvesse dito: ‘Coragem, ratinho, os meus celeiros te bastam!’

“Ou como um homem, sobre uma montanha distante, dizendo de si para si: ‘Temo que eu vá consumir todo o oxigênio da atmosfera’, e a Terra, porém, lhe dissesse: ‘Respira, homem, respira! e enche sempre os pulmões; a minha atmosfera te basta!’” — CHARLES H. SPURGEON. (De *The Minister's File Service*.)

Vitória Essencial

UMA vitória é positivamente essencial que alcanceis: A vitória sobre a vontade obstinada. Nesta luta só podereis vencer com o auxílio do Cristo. Podereis lutar árdua e longamente para vencer o próprio eu, mas, a menos que recebais força do alto, fracassareis. Pela graça de Cristo podereis alcançar a vitória sobre o próprio eu e o egoísmo. A medida que fordes vivendo Sua vida, manifestando a cada passo sacrifício, revelando constante e crescente simpatia pelos que necessitam de auxílio, ireis então alcançando vitória sobre vitória.

Dia a dia melhor aprendereis a conquistar o próprio eu e a fortalecer vossos pontos fracos de caráter. Porque submeteis vossa vontade ao Senhor Jesus, Ele será vossa luz, vossa força, vossa coroa de glória. — *Test. Seletos*, Vol. III, (no prelo) págs. 98 e 99.

“As Bem-aventuranças do Pregador”

1. Bem-aventurado é o pregador que sabe pregar.
2. Bem-aventurado é o pregador que abrevia as suas introduções.
3. Bem-aventurado é o pregador que modula a voz e não grita.
4. Bem-aventurado é o pregador que sabe como e quando parar de falar.
5. Bem-aventurado é o pregador que prega para si próprio.
6. Bem-aventurado é o pregador que prega sobre grandes temas.
7. Bem-aventurado é o pregador cujos sermões são concatenados e progressivos.
8. Bem-aventurado é o pregador cujos sermões são uma unidade, com alvo definido e palavras bem articuladas.
9. Bem-aventurado é o pregador que algumas vezes permite que a congregação cante um hino inteiro, sem omissão de estrofes. (Por que não conseguir tempo para isso, encurtando o sermão?)
10. Bem-aventurado é o pregador que raramente usa o pronome EU (“Lerei o NOSSO texto.”)
11. Bem-aventurado é o pregador que sabe que o objetivo é o fim e o assunto é unicamente o meio de atingir a finalidade do sermão.
12. Bem-aventurado é o pregador que sabe de que parte do sermão ele é responsável, e quanto pode e deve deixar para o Espírito Santo.
13. Bem-aventurado é o pregador que é chamado por Deus, e chamado para pregar.
14. Bem-aventurado é o pregador que, havendo entregue inteiramente a vida a Deus, é inspirado pelo Espírito Santo e ungido com poder para alcançar as almas para Deus e, depois de salvas, educá-las. — *The Ministry*, Março de 1954.



Órgão publicado bimestralmente pela
 Associação Ministerial da Igreja Adventista do
 Sétimo Dia
 Editado pela
 Casa Publicadora Brasileira
 Santo André, São Paulo
 Gerente — Bernardo E. Schuenemann
 Redator responsável — Luiz Waldvogel
 Redator associado — Rafael de A. Butler
 Colaboradores especiais
 Walter E. Murray, Walter Schubert

ILUSTRAÇÕES

CRISTO HOJE — Há alguns anos, um artista parisiense montou o seu estúdio num auto. Ao guiá-lo ele, dum lugar para outro, pintando cenas de rua e de toda a moderna vida parisiense, apresentava também a Cristo. Toda Paris se maravilhava da sua ousadia. Em meio da insensatez geral, ombreado pela multidão folgazã e estulta, Se erguia Cristo — com olhos perscrutadores, tristonhos, súplices! O pintor, também, não O pintava nas vestes orientais, mas em traje moderno. Era o Cristo onipresente que ele buscava representar; era a mensagem de que Cristo está hoje em Paris, e Londres, e Nova York, como esteve na Jerusalém de há dois mil anos; e pintando Cristo assim no coração das multidões folgazãs, lembráveis ele aquilo que, somente, pode glorificar a vida: o poder do amor que leva ao sacrifício. — *The Minister's File Service.*

FIDELIDADE A CRISTO — Um imperador romano disse a um arquiteto grego:

— Edifica-me um coliseu, e, se me agradar, coroar-te-ei na presença do povo e farei uma festa em tua honra.

O arquiteto fez sua obra magnificamente. Chegou o dia da inauguração. O imperador ergueu-se em meio às aclamações do povo, e disse:

— Aqui estamos para inaugurar este coliseu e honrar seu construtor. É este um grande dia para o império romano. Para o celebrarmos, trazei os cristãos e, para nossa diversão, lancemo-los aos leões.

Os cristãos foram postos no centro do anfiteatro. Os leões meio famintos foram libertados de suas jaulas e saltaram para dentro da arena a fim de dilacerarem os cristãos. A turba gritou: "Viva o imperador!"

Então, o arquiteto grego ergueu-se de sua cadeira de honra e, pedindo silêncio, exclamou: — Também eu sou cristão!

Ele foi então agarrado e atirado às feras, juntamente com os outros, e foi visto rolar no pó do anfiteatro.

Farias tu isto por Jesus?

PAZ PERFEITA — Foi oferecido certa vez um prêmio à pessoa que pintasse o melhor quadro representativo da paz. Dois houve que pareciam superiores. Um retratava uma paisagem de verão. Um regato corria tranqüilamente através de verdejante prado. Nem a mais leve viração convulsionava as árvores. O céu estava claro. Duas rézes paciam à sombra de grande carvalho. Uma borboleta garridamente colorida voava de flor em flor. Pássaros poisavam nos galhos. Isso era paz.

Mas o prêmio foi conferido ao artista que pintou em sua tela um agitado oceano fustigado por relâmpagos cruzavam o espaço. Mas ao lado do rochedo, protegido por pequena escarpa, podia ver-se uma gaiota branca em seu ninho. As ondas furiosas arremetiam contra seu retiro, mas ela não sentia temor algum. Contemplava tranqüilamente tudo, sabendo que estava segura em seu refúgio. O abrigo do crente é Cristo. Assentado nos lugares celestiais em Cristo, ele contempla tudo sem temor.

Keith L. Brooks, em *Ilustrações para Pregadores e Oradores.*

NOSSA CAPA
 Igreja da cidade de Campinas, (120.000 habitantes, 100 adventistas) Estado de São Paulo.



Ano 20

Nº. 6

CONTEÚDO

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

<i>Ordenado Ministros</i>	2
<i>"A Minha Graça te Basta"</i>	2
<i>Vitória Essencial</i>	2
<i>As Bem-aventuranças do Pregador</i>	2

ILUSTRAÇÕES

<i>Cristo Hoje</i>	3
<i>Fidelidade a Cristo</i>	3
<i>Paz Perfeita</i>	3

ARTIGOS GERAIS

<i>Um Sábio Arquiteto</i>	4
<i>Esse Jesus, Sem Igual!</i>	6

EVANGELISMO

<i>Centros de Evangelização</i>	7
---	---

EVANGELISMO DA SAÚDE

<i>"Uma Somora Escura na Mente"</i>	9
<i>Os Efeitos do Alcool Sobre o Organismo</i>	10

OBRA PASTORAL

<i>Fé que Cura</i>	13
<i>A Organização do Sermão</i>	16
<i>Vida Santa</i>	17

ESTUDOS BÍBLICOS

<i>O Espírito de Profecia</i>	18
<i>As Advertências do Espírito de Profecia Devem Ser Seguidas</i>	18

CAIXA DE PERGUNTAS

<i>A Data do Início do Ano</i>	19
<i>Fora da Minha Carne</i>	19

NOTAS E NOTÍCIAS

<i>A Biblioteca de Alexandria</i>	20
<i>O que Vale um Segundo</i>	20
<i>O Dia da Bíblia</i>	20

ARTIGOS GERAIS

Um Sábio Arquiteto

W. E. MURRAY

Presidente da Divisão Sul-Americana

SEGUNDO a graça de Deus que me foi dada, puz eu, como sábio arquiteto, o fundamento..." I Cor. 3:10. Neste terceiro capítulo da primeira carta aos coríntios, o apóstolo dá uma expressão potente ao verdadeiro caráter do obreiro cristão. Esta é uma das figuras mais impressionantes apresentadas pelas Escrituras quanto à natureza do trabalho dos servos de Deus. O apóstolo não somente estabelece os mais profundos princípios que devem reger o seu procedimento e atividade, mas reforça o ensino com toda a força contida no exemplo. Uma coisa é conhecer os princípios da obra e reconhecê-los como sendo de valor, e outra bem diversa é exemplificá-los amplamente no próprio trabalho. Estes versículos são um verdadeiro mapa em relevo dos deveres e privilégios dos obreiros cristãos. Vemos princípios em esferas de nossa atividade em que tivemos pouca experiência. Eles nos fitam fixamente como montanhas e rios do mapa de relevo. Dá-nos o apóstolo uma obra prima escrita que impressiona como poucas vezes temos sentido na vida.

Os edifícios existentes no mundo mostram o caráter dos homens que os fizeram. A estrutura humana mostra-nos os pensamentos e motivos da humanidade. A construção é uma significativa atividade humana; poucos existem dentre a espécie humana que não queiram ser edificadores. O apóstolo, com sua habitual perspicácia, aproveita-se da oportunidade para dar ao ministro uma figura permanente da perfeição do seu ministério.

Os grandes feitos da engenharia do mundo justificam o respeito e admiração de todos nós. Os grandes edificadores da história humana excitaram o respeito e a admiração da humanidade. Sem dúvida, ao tempo dos apóstolos, havia edificações fortes e duradouras que formavam contraste com casas velhas e desmoronadas. A impressão deixada no espírito do apóstolo pelas construções do seu tempo, e as conclusões quanto à relação existente entre o construtor e a coisa construída, levaram-lhe à mente e ao coração os princípios que poderiam ser aplicados à obra do pregador e obreiro cristãos. Viu ele edificações que mostravam a insinceridade dos construtores. Viu outros edifícios capazes de suportar os ventos e a intempérie dos séculos, e pensou na atividade do obreiro cristão como alguma coisa que não seria somente para o presente mas também para a eternidade. Examinemos algumas das lições que nos são ensinadas pelo quadro do "sábio arquiteto", pintado pelo apóstolo. Notai nêle que o termo "sábio arquiteto" é escolhido como chave do texto. Alguns arquitetos não eram "sábios", pelo que ele não poderia escolher apenas "arquiteto". Alguns "sábios" não eram arquitetos. Escolheu, portanto, a magnífica expressão "sábio arquiteto".

O SÁBIO ARQUITETO ESTÁ CONSCIENTE DE SUA RESPONSABILIDADE PESSOAL. O apóstolo apresenta êste princípio em umas poucas palavras, apenas: "Segundo a graça de Deus que me foi dada, puz eu... o fundamento". Notai, nesta frase, o "me" e o "eu". Não pode o apóstolo ser acusado, nessa declaração, de indevida confiança na própria força, pois atribui a glória da realização a que trabalhava pela graça de Deus. A graça figura em primeiro lugar nesse conjunto, e o "eu", em segundo. Interessante é notar que quando Paulo foi chamado, na estrada de Damasco, a voz pronunciou-lhe o nome duas vezes: "Saulo, Saulo". Creio eu que o som do seu nome, pronunciado duas vezes, ressoou nos ouvidos de Paulo em todo o seu longo ministério. Ele havia sido chamado pelo nome, não uma vez, mas duas. Chamamos as pessoas, repetindo-lhes o nome, para salientar a responsabilidade pessoal. Ele tinha uma responsabilidade individual, que nenhuma outra pessoa podia desempenhar inteiramente. Lede as epístolas do grande apóstolo, e convencer-vos-eis dessa responsabilidade pessoal. Numa delas, diz êle: "Tenho por perda todas as coisas..." Fil. 3:8. Em dois versículos, a seguir, escreve êle: "Para conhecê-Lo..." Em Fil. 3:14: "Prossigo para o alvo..." "Eu, Paulo, estou feito ministro". Col. 1:23 e, ao explicar, em Efé. 3, a excelência do propósito divino para seu tempo, escreve: "Do qual fui feito ministro, pelo dom da graça de Deus..."

Ouso asseverar que em muito coração e mente existe demasiada confiança numa organização ou instituição para fazer o trabalho que só pode ser feito por esforço individual e pela graça de Jesus Cristo. A fim de ser sábio arquiteto, tem o obreiro de deixar de apoiar-se em outros homens, e fazê-lo no Deus da nossa salvação. Existe auxílio extraordinário que nos advém da ajuda e cooperação de outros, e precisamos retribuir-lhes, mas há situações vitais em que devemos agir sôzinhos. Deus convida hoje Seus servos para estudarem as Escrituras por si mesmos, em companhia do Espírito Santo. Temos de apegar-nos a sós com Deus, em orações e súplicas. Somos convidados a sair hoje e conquistar o mundo para Cristo, e temos uma responsabilidade pessoal que nenhuma pessoa, além de nós, pode cumprir.

Daniel foi lançado, na cova dos leões. José, quando não passava de um garôto, foi levado para o Egito sôzinho. João Batista sofreu sôzinho na prisão de Herodes. Jesus passou sôzinho pelo Getsêmane. Apoderemo-nos da graça do Senhor Jesus e aprendamos a manter-nos e a trabalhar sós, segundo a graça que nos é dada.

PAULO, SÁBIO ARQUITETO, COMPREENDIA QUE SÓ TINHA PARA FAZER UMA PARTE APENAS DO TRABALHO DE DEUS. O apóstolo não tinha a pretensão de fazer tô-

da a obra de Deus. Declarou haver pôsto o fundamento. Essa foi a parte que lhe coube desempenhar nos seus dias. Reconheceu êle, também, que outros viriam depois dêle e construiriam a superestrutura do edificio. Na pregação do apóstolo, limitou-se êle às doutrinas que constituíam a Verdade Presente para o seu tempo. O profeta Isaias, empregou boa parte de tempo pregando as doutrinas do único Deus vivo, dentre os muitos deuses falsos de seu tempo. A mensagem de Paulo, porém, era outra. Reconheceu êle a sua obra específica, ao declarar: "Nada me propus saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e Este crucificado". Consagrou a vida para partilhar do plano de Deus para o seu tempo.

Todos os grandes obreiros reconhecem as suas deficiências. O reconhecimento dêste fato é provado pelo seu espírito diligente e ativo na obra que têm em mãos. Reconhecem êles que só uma única parte lhes compete fazer, e essa a fazem bem, como sábios arquitetos. Um Livingstone cumpre os seus ideais de exploração de um continente, como parte de evangelização. Um Carey fixa a sua atenção na Índia. Um Henrique Martim diz que a sua obra é "abrasar-se para Deus". Um pregador adventista do sétimo dia reconhece que seu trabalho especial é pregar o evangelho da breve volta do Senhor, agora, não no passado, não daqui a cinquenta anos, mas agora! Um Moisés entrega a lei entre os trovões do Sinai, e um Noé constrói a arca, como sua parte na grande textura do plano de Deus. Reconhecer a parte que a cada um de nós Deus concedeu em Sua obra, e então empenhar-se na feita desse trabalho, como "sábio arquiteto", significa entrar numa vida de crescente capacidade e influência. Não nos compete a nós estabelecer as grandes doutrinas fundamentais da igreja; êsse trabalho foi já feito pelos que nos precederam. Nossa tarefa é pregar as grandes doutrinas, vivê-las, defendê-las, e explicá-las de maneira persuasiva a um mundo descrente. Isto é ser um sábio arquiteto. Os que isso fazem farão o reino de Deus crescer e prosperar na Terra. A oração que hoje elevo a Deus é que faça o ministério adventista reconhecer claramente a elevada importância de fazer a sua parte do plano de Deus para êste tempo, agora.

O SÁBIO ARQUITETO RECONHECE A IMPORTANCIA DE SER ÊLE PRÓPRIO OBREIRO DILIGENTE. Tenho observado que os principais arquitetos e construtores são também trabalhadores diligentes. Observei, muitas vezes, a vigilância do arquiteto sobre a construção que executa. Dia a dia está êle no próprio local da construção, executando os planos, verificando os pormenores, consultando seus homens, arranjando material, corrigindo os defeitos. Os construtores são ativos. Com muito acerto, disse alguém: "Não há substituinte para o trabalho". "Labor Omnia Vincit Improbis" (o trabalho perseverante vence todos os obstáculos) é axiomático em nosso mundo.

Em nosso texto, o apóstolo Paulo é o arquiteto, o operário da construção. Não podemos ler-lhe os escritos sem ficar convencidos de sua atividade pessoal. Convencemo-nos, também, de que trabalhava com a cabeça e o coração e com cada fibra do seu ser. Punha em operação todo o seu ser na obra do ministério evangélico. "De muito boa vontade gastarei, e me deixarei gastar pelas vossas almas..." é o espírito do seu trabalho. No segundo capítulo da primeira epístola aos Tessalonicenses é apresentado provavelmente um dos melhores quadros do apóstolo Paulo em serviço. Em Tessalônica, trabalhou

êle depois de haver sido "agravado" em Filipos; situação em que muitos poderiam haver encontrado razão suficiente para não trabalhar, ou folgar. Êle e seus companheiros trabalharam com todo o carinho, tal como êle próprio o declara: "como a ama que cria seus filhos". Que impressão magnífica e duradoura deve haver sido feita nos conversos de Tessalônica pela manifestação do grande espírito de ternura do apóstolo! O trabalho de Paulo não se limitava a um dia de oito horas, mas os seus esforços prosseguiram "noite e dia". Seu trabalho eficiente, bem como o de seus obreiros, produziram bom resultado, pois lemos: "havendo recebido de nós a palavra da pregação, de Deus, a recebestes, não como palavra de homens, mas (segundo é, na verdade), como Palavra de Deus..." A diligência no ministério, abençoada pela graça de Jesus Cristo, em nossos dias, pode produzir os mesmos resultados dos dias de Paulo. Nada há que mais rapidamente possa prejudicar a influência do ministro, do que ter o povo a impressão de êle não ser diligente, e ser infiel no seu trabalho diário. Devemos, todos, cuidar de não trabalhar em excesso. Por outro lado, nosso comissionamento requer que dediquemos todo o nosso tempo à obra e trabalhemos intensamente nas horas de trabalho. O sábio arquiteto é obreiro fiel, cabal.

O SÁBIO ARQUITETO COMPREENDE AS SUAS RELAÇÕES PARA COM OS ANTECESSORES, OS SEGUIDORES E OS CONTEMPORÂNEOS COM QUEM ESTÁ LIGADO. O princípio da cooperação é apresentado em nosso texto, nestas palavras: "Nós somos cooperadores". O apóstolo declara haver lançado o fundamento e, na mesma sentença, reconhece que outros erguerão a estrutura sobre o seu fundamento. O apóstolo estava ligado a colegas do ministério e a leigos em seu trabalho em prol do povo de seu tempo. No último capítulo da epístola aos romanos, há uma longa lista de seus companheiros. No início de quase cada epístola, são enviadas saudações da parte dos que trabalhavam com o apóstolo. Ao dar Paulo instruções a Timóteo acerca do seu ministério, fez, também, uma porção de sugestões quanto às relações com outras pessoas. Foi-lhe dito especialmente como tratar as pessoas idosas.

O ministro que reconhece os sentimentos alheios, no tocante às pessoas com quem já está associado, está bem no caminho do êxito. Os que promovem o reavivamento de congregações, ensinando as pessoas a olharem para Jesus, em vez de convergir a atenção para qualquer ministro, fazem excelente trabalho. Devem os conversos ser instruídos, não segundo as idéias peculiares de qualquer homem, mas quanto à compreensão ampla dos princípios do reino. Triste é dizer que, nalguns casos, poucos em verdade, e ingenuamente, têm sido inculcadas em alguns conversos idéias peculiares, e sua experiência ficou desde então pervertida e unilateral. Isso não é construir como sábio arquiteto.

Como sábios arquitetos, edifiquemos de maneira tal os conversos que êles não somente tenham confiança em nós como ministros, mas, em geral, respeitem o ministério da igreja. Seja tal o nosso trabalho que, em qualquer tempo, alguém assuma a obra que estamos fazendo e haja o mínimo de interrupção na troca. Podemos facilitar ou dificultar a obra de nosso sucessor. Respeitando nós os homens que nos antecederem, podemos edificar os conversos. Não precisamos destruir o caráter dos nossos

antecessores, mesmo que não possamos fazer agora o que eles fizeram antes. Grandes resultados nos esperam se, como ministros, manifestarmos respeito profundo e sagrado aos ministros nossos coobreiros que nos precederam, que nos seguirão, bem como aos com quem es-

tivermos imediata ou remotamente associados. Ao estar o nosso coração unido ao de nossos colegas no ministério, quer sejam os seus métodos do nosso agrado ou não, sentiremos apressar-se de nossa experiência poder crescente, e paz, e confiança em Deus.

Êsse Jesus Sem Igual!

R. E. LOASBY

Professor de Línguas Bíblicas, S. D. A. Theological Seminary

OS estudantes da Bíblia que fizeram o curso de história social e religiosa do tempo do Novo Testamento, estão familiarizados com o culto do imperador, que teve a sua época excepcional de moda. Numerosas terracotas, inscrições em mármore e muitos papiros gregos atestam que eram dados aos imperadores títulos divinos, chamados *Kurios*, (Senhor), e *Theos* (Deus), exatamente como, no Novo Testamento, são aplicados a Deus e a Cristo. Obra elucidativa de mais de trinta anos, nesse sentido, é *Light From the Anciente East*, de Adolph Deismann.

O título *Kurios*, (Senhor), tem origem em fontes hebraicas e aramaicas, pois a Septuaginta usa-o para traduzir o nome hebraico "Jehovah". Ao usar, pois, o apóstolo Paulo, essa palavra mais de trezentas vezes em suas numerosas aplicações a Jesus Cristo, fá-lo no mais estrito senso de divindade. Não é improvável que, ao usá-la Festo, referente a Nero (Atos 25:26 "escreva ao meu senhor"), embora, sobretudo possa haver tido em mente a autoridade política suprema investida em Nero, não desconhecesse ele o caráter teocrático do título aplicado ao imperador.

A aplicação dessa palavra *Kurios*, no Novo Testamento, como designativa da divindade não passa, porém, de uma introdução à variedade e quantidade de provas com que o apóstolo Paulo, especialmente realça a divindade e igualdade de Jesus Cristo, como membro da Divindade.

Uma Regra da Gramática Grega

Parte dessa prova consiste em que uma regra da gramática grega expõe a verdade de que Jesus Cristo, a segunda Pessoa da Divindade, é, em essência, igual e idêntico ao Pai. Reza essa regra:

"Quando a partícula copulativa *kai* está unida a dois nomes do mesmo gênero, se o artigo *ho* ou qualquer de seus gêneros preceder o primeiro dos ditos nomes ou participios, e não estiver repetido antes do segundo nome ou participio, o último sempre se refere à mesma pessoa expressa ou descrita pelo primeiro nome ou participio, i. é., denota uma mais ampla descrição da primeira pessoa citada." — H. E. Dana e Julius R. Mantey, *A Manual Grammar of the Greek New Testament* (1943), pág. 147. Ver também A. T. Roberston, *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research* (1919), pág. 785.

No tocante aos homens, essa regra é aplicada em Efé. 4:11, onde Paulo fala de alguns dons concedidos por Deus. Nesse versículo, as palavras "apóstolos", "profetas", "evangelistas", têm o seu próprio artigo definido grego, separado e constituindo, portanto, cada uma delas, classe

diversa. Quanto às palavras "pastores" e "doutores", porém, a primeira leva o artigo definido grego, mas "doutores" não o tem, e as duas palavras estão unidas pela partícula epexeagética "e". Isto faz com que as duas palavras se refiram a uma única classe: "Pastores, isto é, doutores", referentes aos anciãos de igrejas que são pastores instrutores. Em casos tais, a segunda palavra é uma descrição ampliada da primeira.

Esta regra também é aplicável às palavras "Deus" e "Pai", quando a palavra "Deus" tem o artigo definido e "Pai" não o tem, e ambas estão unidas pela partícula "e". Ver Rom. 15:6, onde a primeira Pessoa da Divindade, que deve ser glorificada, é definida com mais precisão como "o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo." Neste passo, a palavra "Deus" leva o artigo definido grego, mas "Pai" não o tem, e ambas estão unidas pela conjunção "e". Em conformidade com a regra da gramática grega, isto faz do segundo termo uma descrição adicional do primeiro. Numerosos exemplos existem, tais como I Cor. 15:24; II Cor. 1:3; Gál. 1:4; Efé. 5:20; Fil. 4:20; I Tess. 1:3; 3:11 e 13.

Esta mesma regra é aplicável a Jesus Cristo, na expressão "Senhor e Salvador Jesus Cristo" (II S. Ped. 1:11). Aos crentes é prometida entrada no reino eterno. O artigo definido aparece junto a "entrada" no texto grego, referente ao próprio ato de ingressar no reino eterno que havia sido pregado com tanta diligência. Este reino eterno é descrito como sendo o de "nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo". Neste passo "Senhor" tem o artigo definido, mas "Salvador não o tem. Assim, Aquêle que é apresentado como "Senhor é também descrito como "Salvador." Outros exemplos dêste mesmo uso são encontrados em II S. Ped. 2:20; 3:18. Devem eles ser comparados com II S. Ped. 1:1, onde temos a expressão: "pela justiça de nosso Deus e Salvador Jesus Cristo". Aqui, de novo, se aplica a regra: "Deus" tem o artigo definido, mas "Salvador" não o tem, e ambos estão unidos pela conjunção "e". A menção é, pois, de uma única pessoa: "pela justiça de nosso Deus, Salvador Jesus Cristo". A mesma regra é aplicada ao v. 2: "pelo conhecimento de Deus, e de Jesus nosso Senhor". Neste passo, o apóstolo substitui *Kurios*, "Senhor", por *Soter*, "Salvador". Como crentes precisamos possuir conhecimento amplo — o apóstolo não usa *gnosis*, "conhecimento", que pode ser falso, mas *epignosis*, conhecimento completo, verdadeiro, conhecimento que nunca pode ser falso. Semelhante conhecimento tem a sua fonte em Jesus Cristo, que é Deus, Senhor e Salvador (ver II Tess. 1:12; Tito 2:13; Efé. 5:5; S. Judas 4.)

Tito 2:13

Um versículo que, aparentemente, sugere duas Pessoas da Divindade, mas é visto, no grego, que não se trata senão de uma Pessoa, é Tito 2:13: "Aguardando a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo".

Relata a história da igreja que os arianos aplicavam a expressão "nosso grande Deus e Salvador Jesus Cristo" a duas pessoas, referindo-se a primeira, "nosso grande Deus", ao Pai. O estudo das minúcias do texto proíbe tal exegese. O apóstolo insta com Tito e seu grupo de crentes a prosseguirem aguardando expectantes a segunda vinda de Jesus Cristo. Essa vinda descreve-a êle literalmente como sendo a manifestação exterior da glória. Essa manifestação exterior em glória nunca é atribuída, por Paulo, ao Pai; é usada apenas quanto à segunda vinda de Cristo no fim do tempo (ver I Cor. 1:7 e 8; Fil. 1:6; 3:20; II Tess. 2:8; I Tim. 6:14 e 15; II Tim. 4:1). Além disso, se houvesse referência às duas Pessoas da Divindade, o artigo definido grego que precede "grande Deus" estaria também repetido antes de "Salvador".

A palavra grega *epiphania*, traduzida neste passo por "aparecimento", ocorre em II Tess. 2:8, com a palavra grega *parousia*, "vinda", cuja palavra não é jamais aplicada ao Pai. Traduzida por "aparecimento", essa palavra, usada em Tito 2:13 e II Tess. 2:8, com ênfase na manifestação exterior, literalmente significa, "com a visível manifestação do esplendor de Sua vinda". A Pessoa do Pai permanece invisível (Col. 1:15; I Tim. 1:17), mas o Filho deve ter uma *parousia*, uma vinda com grande esplendor perante todos os homens (S. Mat. 24:3, 27, 37 e 39; I Cor. 15:23; I Tess. 2:19; 3:13; 4:15; 5:23; II Tess. 2:1 e 8; S. Tia. 5:7 e 8; II S. Ped. 1:16; 3:4 e 12; I S. João 2:28).

Em harmonia com a regra da gramática grega, temos em nosso versículo o artigo definido antes de "grande Deus", mas não antes de "nosso Salvador"; e essas duas expressões estão unidas pela conjunção "e". Essa circunstância faz a expressão "nosso Salvador Jesus Cristo" referir-se a "o grande Deus", como sendo uma única Pessoa, constituindo mais ampla elucidação e descrição de "o grande Deus". Assim, pois, Paulo exorta Tito a prosseguir esperando a manifestação visível em esplendor, do "grande Deus, nosso Salvador Jesus Cristo."



EVANGELISMO

Centros de EVANGELIZAÇÃO

ROY A ANDERSON

Diretor da Associação Ministerial da Associação Geral

ACABO de regressar de Portland, Oregon, onde participamos da inauguração de um forte plano de evangelismo contínuo. Nosso motivo para aceitar o convite de ir a Portland não foi que houvésemos considerado ser essa cidade a mais ímpia nem a mais necessitada das cidades norte-americanas, mas o pensamos que êsse magnífico centro, que acaba de ser aparelhado pela Associação, proporcionaria oportunidade excelente para o estudo das necessidades e métodos especiais. Desde que a nossa obra denominacional teve início, o Senhor tem grandemente abençoado a proclamação de Sua Palavra em Portland.

Mas, que significa um Centro de Evangelização? É uma igreja? É um tabernáculo? Não, exatamente. Se bem que toda igreja, sanatório, escola ou outra instituição deva ser um lugar em que almas estejam sendo ganhas para Cristo, no mais estrito sentido do termo nenhuma dessas instituições poderá ser apropriadamente chamada um *centro de evangelização*. Tudo quanto está relacionado com êste movimento está ligado ao evangelismo, no entanto, ao falarmos de um "centro de evangelização" temos em mente algum lugar além de simplesmente um edifício de igreja ou instituição.

Parece-nos haver necessidade de um esclare-

cimento de nossa terminologia. Lemos, recentemente, um relatório de um acampamento de jovens, e nêle o autor salientava a idéia de ser um "centro de evangelização"! Era-o, porém? Por certo, um acampamento deve sempre ser um lugar em que as almas infantis e jovens sejam encaminhadas para Deus. E, a menos que o acampamento tenha êsse objetivo nitidamente evangélico, será um fracasso. Um acampamento de jovens, ou outro qualquer, porém, dificilmente é um "centro de evangelização" tal como entendemos a significação do termo. A compra do nosso centro de evangelização em Londres nos empolgou a todos, mas êsse lugar não é um centro de saúde, nem igreja, nem, muito menos, um acampamento de jovens. Certo é que a congregação da igreja central de Londres se reúne numa das dependências desse grande centro, mas o auditório principal e outras partes do edifício provêm oportunidade para evangelismo público contínuo. O edifício de Londres foi comprado para ser um centro de evangelização, e foi nisso convertido. Outros centros tais, nos Estados Unidos e noutros países, foram, ou comprados ou construídos.

Um centro de evangelização nisso se torna por motivos bem definidos. Sugerimos uns poucos:

1. Tem localização central.

2. É, por tôdas as igrejas adventistas do sétimo dia, do distrito, reconhecido como um local de reavivamento.

3. Está edificado, e mobilado, e *deve ser dirigido* de maneira tal que um plano contínuo de evangelismo pode ser realizado o ano inteiro.

Conceitos Novos

Esses conceitos do evangelismo podem talvez ser novidade para os nossos obreiros. Nosso sistema tradicional tem sido que o evangelista realize séries de três, seis ou talvez doze meses de duração, com todo o entusiasmo de um cruzado que participe duma guerra santa contra o turco infiel, e depois volta para casa com umas poucas arranhadelas e coberto de glória, mas deixando a praça ainda em poder do ímpio. Embora algum Ricardo Coração de Leão surja brandindo grande espada, a cidade permanece "nas mãos do infíquo."

Alguns planos de evangelização têm sido começados com grande entusiasmo. Tem havido zelo, estardachaço e fumaça, e algumas vezes muitos detritos para remover mais tarde, especialmente quando adotado no procedimento a orientação de "terra devastada." Nossos obreiros bem sabem a que nos referimos. Ao apartar-nos do inimigo, sem futuras responsabilidades, fácil é dizer tudo quanto pode ser dito, e dizê-lo de maneira tal que a animosidade e a má vontade sejam tão instigados na comunidade que parecerá necessário esperar que surja outra geração antes que outra pessoa volte a evangelizar a mesma cidade.

Ao contrário, porém, o centro de evangelização, tem de ser um lugar de evangelismo contínuo com a melhor das relações públicas, onde a sementeira e a colheita prosseguem mês após mês, e ano após ano, e a influência expande-se constantemente. Para um tal plano temos que criar conceito novo e idear novos métodos.

Java é um dos países de maior produção de arroz no mundo. O clima ali é tal que é possível encontrarem-se ombro a ombro semeadores e ceifeiros, em cada dia do ano. O centro de evangelização deve ser exatamente isso. Cada sermão ou classe bíblica equivale à sementeira da semente, mas êsse mesmo sermão deve também ser a ceifa quer da seara dêsse evangelista, quer de sementeira de um antecessor.

Disse Jesus: "Eu vos enviei a ceifar onde vós não trabalhastes; outros trabalharam, e vós entrastes no seu trabalho" (S. João 4:38). E não é tôda evangelização exatamente isso? Quase cada pessoa que batizamos teve outro contato qualquer—algun evangelista anterior, qualquer colporteur, um bom médico ou enfermeira ou, mais do que provável, algum sincero membro da igreja estabeleceu o contato inicial. Como evangelistas, temos, então, o gôzo de fazer com que frutifique aquilo que foi semeado por outros. Em face dessas várias instrumentalidades que cooperam para a conversão, quão impróprio é que qualquer um de nós se ensoberbeça por um pouco de êxito que o Senhor Se digne de conceder-nos!

"Tua é a Glória"

O lema escolhido para o concílio ministerial anterior à sessão da assembléa geral foi por certo oportuníssimo: "Tua é a Glória." Nosso lema, quatro anos faz, foi "Abrasados para Deus," com ênfase sôbre deixar-se queimar para Deus. Desta vez a ênfase é posta em *Deus e Sua glória*. Facilimo é que o êxito nos torne orgulhosos, presunçosos e vaidosos. Logo que nos orgulhemos em nós mesmos ou em nossa

aparência, finanças, organização, capacidade ou métodos, deixamos de dar a Deus a glória.

O maior dos problemas que Jesus enfrentou não foi a multidão, mas as ambições egoístas dos próprios homens que escolhera para auxiliares. Não foi senão na cruz que aqueles primeiros evangelistas se viram tais quais eram na realidade. "Por que não pudemos nós expulsá-lo?" perguntaram êles, ao refletirem na sua incapacidade de curar o rapaz epiléptico. Significativa foi a resposta de nosso Senhor. Mais tarde, Ele lhes perguntou: "Que estáveis vós discutindo pelo caminho? Mas êles calaram-se; porque pelo caminho tinham disputado entre si qual era o maior" (S. Mar. 9:33 e 34). Quantas vezes, através dos séculos, tem o ministério manifestado a sua impotência por motivo dessa velha luta! Como é fácil que o eu lute pela supremacia! E quantas coisas estranhas não surgem para a luz ante a mínima provocação ou decepção!

Estamos nós perplexos por estarem sendo retidas as abundantes chuvas serôdias? Talvez se realmente nos puséssemos a examinar-nos, logo encontraríamos a resposta. Existe um princípio divino justamente nessa demora. Deus não partilhará com homens orgulhosos a glória devida ao Seu Filho Jesus. Grandes reavivamentos surgiram a findarem durante os séculos cristãos, mas por que cessa um reavivamento? Deve haver muitos motivos. Um grande motivo é que os homens logo começam a se glorificar.

Em Isa. 41:6 e 7, temos uma ilustração extraordinária da verdadeira cooperação no serviço de Deus. Os edificadores representavam a variedade dos homens—carpinteiros, ferreiros, ourives, artifices—mas estavam todos trabalhando em equipe, e os carpinteiros animavam os ourives, e cada homem dizia a seu irmão: "Esforça-te." Quando o ourives esquece que é ourives e se rejubila no companheirismo dos seus irmãos mais rudes, os milagres começam a ocorrer. Bem tem sido dito que Deus pode fazer muito com os homens, se ninguém fizer questão de honras pessoais. Nosso pensar pré-Pentecostal nos tem roubado demasiadas vezes do poder do Espírito Santo. Conceber ou dirigir uma campanha evangélica, ou a construção duma igreja, ou outra atividade departamental, e fazê-lo com o espírito de concorrência, equivale a cortejar o fracasso espiritual. Somos todos coobreiros uns dos outros e de Deus. Com isso todos, jubilosos, concordamos, e regozijamo-nos com o privilégio dêsse companheirismo.

Um centro de evangelização provê ambiente para essa espécie de companheirismo são. A aproximação e o contato espiritual de uma equipe de ganhadores de almas são empolgantes. Quer como pastôres, evangelistas, instrutores bíblicos, obreiros da Associação, quer como membros leigos, todos trabalhamos unidos, não apenas para uma igreja ou determinado distrito, mas para o erguimento de tôdas as igrejas.

A lembrança mais animadora que temos de nossa obra em Portland não é a quantidade de almas que foram encaminhadas ao batismo, se bem que agradeçamos a Deus pelas 250 que até agora se uniram ao movimento do Advento. Não é a alegria de que cinco ministros de outras crenças tenham aceitado a mensagem e estejam guardando os mandamentos de Deus e a fé de Jesus. Nem é a circunstância de que alguns que haviam estado afastados da mensagem tenham regressado ao aconchego do apri-

co. Isso foi maravilhoso e verdadeiramente empolgante. A lembrança mais cara de todas, porém, é-nos a dos obreiros consagrados — pastores, evangelistas, instrutores bíblicos, noviços do ministério, e oficiais de Associação, não importa a que congregação ou departamento pertencessem, dando-se as mãos numa maravilhosa camaradagem e apressando-se para trazer os perdidos para o aprisco, sem ter em conta a igreja em que esses novos crentes iriam ingressar. Sim, nossos ourives e carpinteiros, bem como todos quantos martelaram fortemente para Deus com o martelo da verdade, tinham um único lema, que era: "Esforça-te". E não fazia diferença alguma que igreja esses novos conversos freqüentavam, contanto que fossem resgatados dos perigos do pecado e se tornassem membros da família de Deus.

Um Centro de Evangelização pode e deve unificar os vários obreiros num grande empreendimento de nivelamento geral e conquista de almas. E quando esse espírito, como fermento, atua em toda a massa, então, e só então, pode Deus derramar o Seu Espírito em poderosas chuvas de bênçãos. Conquanto todos os esforços humanos tenham as suas restrições, e estamos disso conscientes, agradecemos a Deus o sentirmos pelo menos algumas gotas da chuva serôdia, que nos fizeram ficar sedentos da plenitude das chuvas celestiais.

Ao prosseguirmos na criação de centros de evangelização nas grandes áreas metropolitanas do mundo, mantenhemos bem nítidos na mente os supremos objetivos e possibilidades do plano de origem celeste.

R. A. A.



Evangélimo da Saúde

"Uma Sombra Escura na Mente"

SUE ELLEN TAYLOR

Redatora Auxiliar de "Listen"

PASSASTES já pela experiência de estudar a Bíblia com alguém que não compreendesse cabalmente suas verdades simples? Nunca pensaríeis em dar um estudo sobre as profecias a pessoa que estivesse sob o efeito dum anestésico, não obstante, isso é o que fazemos ao tentarmos comunicar a mensagem a pessoas cuja mente está narcotizada pela nicotina e pelo álcool.

Há dois anos, quatro obreiros que trabalhávamos na Review and Herald, costumávamos percorrer em auto cerca de quarenta e cinco quilômetros uma vez por semana para dar estudos bíblicos a uma pessoa. Cada noite apresentávamos novo tópico da tríplice mensagem angélica; mas um assunto em que nunca toquei foi o da temperança, no que tange ao uso de fumo, chá, café e bebidas alcoólicas.

Ao rememorar eu essa experiência, verifico o erro que cometi. Por quê? Porque deveria haver insistido na importância do abandono desses hábitos, a fim de podermos apresentar verdades mais espirituais. A família e eu seguíamos os assuntos costumeiros dos estudos bíblicos: A Palavra de Deus, Daniel 2, a Segunda Vinda de Cristo e a Significação dos Acontecimentos Modernos, etc. Certa feita estudamos o sinal da bête. Nenhuma oportunidade concedemos para a saúde mental e física; nenhum estudo foi dado sobre esse assunto importantíssimo. E reconheço agora que foi esse o motivo principal de esse homem e sua esposa não haverem sido batizados. Por certo houve outros fatores, mas suponho que esse haja sido o principal. Como poderia eu esperar que compreendessem verdades espirituais, quando tinham a mente anuviada pelo fumo, café e álcool?

Uma das moças dava estudos a uma mãe e um grupo de filhos, cujo pai era bebedor. Ne-

cessitava êle a mensagem da temperança, dada com toda a positividade.

As outras moças do nosso grupo visitavam as pessoas que precisavam de auxílio para manter o corpo são e a mente clara.

Nenhuma dessas pessoas aceitou inteiramente a mensagem do Advento, mas todos deram assentimento mental às verdades que eram apresentadas, tanto quanto a sua mente podia compreendê-las.

Ellen G. White salientou com insistência os efeitos que o fumo, álcool, chá e café têm sobre as faculdades mentais do indivíduo. Atuam êles como anestésico sobre o cérebro.

"Por meio do uso do álcool e fumo, chá e café, Satanás está aprisionando o mundo. A mente concedida por Deus, que devia ser mantida clara, é pervertida pelo uso de narcóticos. O cérebro não mais pode distinguir corretamente. O inimigo exerce controle. O homem vendeu a razão em troca daquilo que o enlouquece. Não possui o senso do que é correto".— *Evangelism*, pág. 529. (Grifo nosso.)

Apenas um desses atos pode ter efeito debilitante sobre o cérebro. Diz a mesma autora:

"Em qualquer forma que seja usado, o fumo prejudica o organismo. É um veneno lento. Afeta o cérebro e entorpece as sensibilidades, de forma tal que a mente não pode discernir com clareza as coisas espirituais, especialmente as verdades que teriam a tendência de corrigir essa condescendência imunda".— *Counsels on Health*, pág. 81.

Durante um ano inteiro fizemos essas viagens semanais ao interior, sem efetuar conversão alguma. Entretanto, não sabemos quais das sementes da verdade semeadas, a seu tempo irão frutificar. Tenho a intenção de voltar àquela

cara e recomeçar os estudos. Desta vez, porém, porei ênfase especial na temperança.

Demonstração Eficaz

Há, porém, um aspecto mais brilhante neste estudo da temperança. Lembro-me, ainda, do tempo da minha infância, como papai se levantava bem cedo e bebia chécaras e chécaras de café puro, bem quente. Ele era, também, grande fumante. Há apenas dois anos, já contando setenta anos de idade, aceitou esta mensagem, e foi batizado. Depois de trinta anos de orações, mamãe pôde vê-las atendidas. Que realizou isso?

Certo dia do mês de agosto, papai teve um ataque, foi levado para o hospital, e ali esteve parcialmente paralisado. Quando estava convalescendo dessa paralisia, num de nossos sanatórios, o médico cristão advertiu-o de que precisava abandonar os vícios.

Dentro de algumas semanas clareou-lhe a mente, se bem que nunca mais recobrou o uso da perna e braço esquerdos. Um dos médicos pôs-se a estudar com êle a Bíblia, e êle parecia compreender a mensagem com clareza. Esse médico recapitulou as coisas que papai já aprendera havia anos, mas nunca aceitara. Ao abandonar o fumo e o café, pôde compreender a mensagem. Que felizes nos sentimos nós, ao ser êle batizado e tornar-se membro da igreja remanescente!

“O [fumo] é imundo; é narcótico; amortece os sentidos; domina a vontade; mantém as suas vítimas na escravidão de hábitos difíceis de vencer; tem a Satanás por seu advogado. Destrói as claras percepções da mente, para que o pecado e a corrupção não possam ser distinguidas da verdade e santidade”. — *Temperance*, pág. 58.

Dir-se-ia ser já tempo de darmos ênfase especial à questão da temperança pois agora a revista da Associação Médica Americana comunicou que não mais aceitará anúncios de fumo e bebidas alcoólicas, e muitas sumidades médicas declaram ser possível que o câncer do pulmão seja proveniente do uso do fumo, e muitas pessoas estão rompendo as cadeias do vício do fumo. Sobre êsse assunto escreve a Sra. E. G. White:

“Irmãos e irmãs: Queremos que vejais a importância dêste assunto da temperança, e queremos que nossos obreiros nêle se interessem, e saibam que está tão ligado à tríplice mensagem angélica quanto o está o braço ao corpo. Devemos realizar progressos nessa obra”. — Citado em *Review and Herald*, de 14 de fevereiro de 1888, pág. 108.

Que mais precisamos dizer para despertar-nos para a importância do ensino da temperança, ao tratarmos de transmitir a mensagem para os últimos dias?

“É impossível trabalhar pela salvação de homens e mulheres sem lhes apresentar a necessidade de romperem com os deleites pecaminosos que destroem a saúde, aviltam a alma e impedem que a verdade divina lhes impressione a mente. Os homens e as mulheres têm de ser ensinados a analisar cuidadosamente todo hábito e tôda prática, e a abandonarem imediatamente as coisas que produzem estado insalubre do organismo e, com isso, lançam uma sombra escura sobre a mente”. — Sra. E. G. White, em *Review and Herald*, de 12 de novembro de 1901.

A luz da instrução que os adventistas receberam nestes últimos dias, não conviria que os que dão estudos bíblicos a pessoas não adventistas remodelassem seus estudos e talvez revisassem seus planos de procedimento? Conquanto tenhamos sido advertidos pelo Espírito de profecia a trabalhar com as pessoas no estado em que estão, e, com tato, buscar a devida aproximação para introduzir a nossa mensagem, devemos seriamente atender, também, para o conselho de que a nossa obra pró-saúde é a cunha de entrada, como se provou sê-lo nas terras pagãs. Com o presente e crescente conhecimento sobre saúde nas terras mais civilizadas, o uso do “braço direito” da nossa mensagem está-se demonstrando ser um meio de aproximação eficaz em muitos lugares. O obreiro evangélico alerta estudará as necessidades das pessoas e as condições dos tempos, bem como de sua mensagem.

“A causa da temperança precisa ser reavivada como nunca o foi”. — *Ibidem*, 14 de janeiro de 1909.

Os Efeitos do Álcool Sobre o Organismo

DR. J. W. McFARLAND

Secretário Adjunto do Departamento Médico da Associação Geral

DEVIDO ao grande e crescente consumo de bebidas alcoólicas, é êste assunto um dos maiores problemas com que se defronta o mundo hodierno. Embora haja grande número de bebidas alcoólicas, muitas das quais contêm outras substâncias que deveriam ser examinadas cuidadosamente, seu ingrediente comum é o álcool, que é da maior importância e é o assunto que consideraremos. Álcool é álcool, seja encontrado na cerveja, no vinho, no aguardente ou no uisque.

Primeiramente, examinemos os efeitos do álcool sobre o sistema nervoso. Há duas divisões principais do sistema nervoso: o central, que consiste do cérebro e da medula espinhal; e o periférico, que consiste dos nervos que ligam

o sistema nervoso central aos vários órgãos e músculos do corpo.

Qual é o efeito do álcool sobre o cérebro? Deprimente, e não estimulante. Essa é uma das declarações mais importantes que se pode fazer com relação ao álcool. O álcool é *deprimente*, não estimulante. Isso contraria a crença popular dominante, mas é da mais fundamental importância e compreende corretamente o efeito do álcool sobre o organismo em geral, e sobretudo a mente. Por certo muitos cogitarão como pode o álcool ser deprimente, pois seu efeito é fazer com que a pessoa fale mais, e cante, e ria; e até brigue. A resposta é que o álcool deprime os centros controladores do cérebro, deixando que as atividades físicas e

mentais inferiores andem infrenes. É o mesmo que tirar o breque de um carro. O carro não ganha mais força, mas muitas vezes assim parece quando fica fora de controle e envereda para uma árvore.

O álcool pertence à classe dos depressores progressivos do cérebro. Quer isto dizer que reduz as atividades dos diferentes centros do cérebro em ordem progressiva, afetando primeiramente os centros mais elevados. Em outras palavras, as funções mais elevadas do controle, da razão e do juízo são atingidas antes de desaparecerem as faculdades do movimento e da fala. Depois de as faculdades do discernimento serem obliteradas pelo álcool, a pessoa pode falar mais, mas diz menos; pode haver mais palavras, porém menos sabedoria.

Muitas vezes nos orgulhamos, e com razão, de nossa sabedoria moderna. Mas eu gostaria que lêsseis algo da sabedoria antiga, que é um tratado altamente científico sobre os efeitos do álcool. Encontra-se em Provérbios, no primeiro versículo do vigésimo capítulo: "O vinho é escarnecedor, e a bebida forte alvorçadora; e todo aquele que nêles errar nunca será sábio". Isso responde ao conceito popular de que a bebida é estimulante; ela é escarnecedora e alvorçadora. Aí está o grande perigo. A pessoa sente-se mais capaz, quando de fato sua capacidade diminui. Julga-se motorista perita e, com isso, arrisca-se mais, imprimindo maior velocidade, quando realmente se torna muito pior motorista. Um humorista popular diz: "A maior parte das pessoas guia o carro como se estivesse atrasada para o desastre." E o condutor que está sob a influência do álcool geralmente não demora muito a chegar ao seu acidente.

Mesmo as pequenas quantidades de álcool reduzem a capacidade do bebedor para pensar com rapidez e agir com presteza. Nestes dias de viagens rápidas, mesmo uma pequenina demora em observar o perigo e aplicar os breques pode terminar em desastre. Um carro que corra a cinquenta quilômetros por hora, andará sete metros em apenas meio segundo. Isto mostra o grande perigo da mais insignificante influência alcoólica. Mas o pior é que quando a pessoa toma ainda que seja uma pequenina dose de bebida, fica impossibilitada de dizer até que ponto se tornou incapacitada, e quanto mais capacidade perde tanto mais capaz se julga.

O Álcool e a Exatidão

O álcool diminui a força muscular e a resistência. Contudo, embora isso seja importante, não é tão sério quanto a conseqüente perda do controle. E isso se manifesta especialmente nos movimentos delicados e rápidos, como os do datilógrafo. Por pequena que seja a quantidade de álcool, reduzirá a velocidade de um linotipista. A bem conhecida incapacidade dos atletas para competir com vantagem quando usam bebida alcoólica, é uma boa ilustração do efeito dessa droga sobre os sistemas nervoso e muscular.

O álcool é causador de doenças dos pulmões. A média de mortes por pneumonia e tuberculose é mais elevada entre os bebedores do que entre os abstêmios. Num grupo estatístico, morreram de pneumonia dezoito e meio por cento de abstêmios; vinte e cinco por cento de bebedores moderados; e trinta e dois e oito décimos por cento de bebedores imoderados.

O efeito dessa droga sobre o aparelho digestivo é de grande interesse. Em qualquer concentração elevada, o álcool é irritante. Essa ação irritante é principalmente prejudicial à

membrana que reveste o estômago. Em primeiro lugar, as glândulas do estômago são irritadas e produzem quantidade maior de ácido hidrocloreico. Contudo, se esse dano continua por período de tempo considerável, as glândulas são substituídas pelo tecido conectivo ou danificado e deixam inteiramente de produzir ácido. Quando associada com a perda de enzimas do suco gástrico, essa falta leva à indigestão permanente. As bebidas alcoólicas mais fortes retardam a digestão no estômago.

O Álcool e a Loucura

Se prolongado, o uso do álcool freqüentemente leva à loucura. O "delírium" é uma forma de loucura temporária alcoólica na qual a vítima quase sempre vê monstros, demônios e serpentes. Um homem pensava que no quarto havia raptos à sua procura. Pensai que agonia sofreríeis se houvesse raptos à vossa procura, e então buscai imaginar a agonia desse homem, horas a fio, todos os dias.

O Álcool e o Fígado

Não é somente o estômago que é afetado, mas também outros órgãos digestivos o são, e muito especialmente o fígado. O fígado é a maior das glândulas do organismo, chegando a pesar dois quilos. Não é apenas importante pelo tamanho, mas também por fornecer suco digestivo, que é a bile, e ter muito que ver com o armazenamento de açúcar de reserva. As bebidas alcoólicas causam a destruição das células do fígado, que são substituídas por tecido danificado. A isso se chama cirrose alcoólica, ou fígado de carda. O último termo é usado porque, devido à superfície irregular do fígado, assemelha-se à parte inferior de um sapato de escalador de montanhas. De certo um fígado assim estragado não pode realizar convenientemente seu trabalho. O sangue do trato digestivo deve passar pelo fígado antes de ir para o coração. Os vasos sanguíneos pequenos se estreitam, causando indigestão, hemorragias e fluidos no abdômen.

É o Álcool Alimento?

É o álcool alimento? Eis uma pergunta muito importante. Certamente a resposta depende da definição de alimento. Vejamos uma boa definição: "O alimento pode ser definido como qualquer substância que, quando absorvida pelo sangue, nutre, repara o desgaste e fornece força e calor ao corpo, sem prejudicar qualquer uma de suas partes, nem ocasionar a perda das atividades funcionais; nem deve ele reclamar constantemente crescentes quantidades de si mesmo."

Ora, o álcool prejudica e exige doses sempre crescentes; portanto não é alimento verdadeiro. Mas ouvimos muito falar em que o álcool fornece calor ao corpo. Certamente dá, mas prejudica o corpo ao mesmo tempo. Consideremos uma ilustração: É a dinamite um combustível? Certo é que produzirá calor. Mas eu não quero aquecer o forno com dinamite. Nem me quero aquecer com álcool, e justamente pelo mesmo motivo: é perigoso demais.

Calor Enganador

Isto nos leva a considerar a interessante questão: Como faz o álcool que uma pessoa se sintia aquecida? Notai a expressão: "sentir-se aquecida"; não "conservar-se quente". Quando um indivíduo normal sai à friagem, os vasos

da pele se contraem, para evitar que o sangue quente do interior do corpo assome à pele, onde poderá ser rapidamente esfriado. Isso certamente torna a pele mais fria, e como sentimos o calor e o frio na pele, e não nos órgãos internos, a pessoa sente frio. Quando alguém toma bebida alcoólica, esses vasos sanguíneos se dilatam, ou ficam maiores, permitindo assim que o sangue afluja para a pele. A pele é, portanto, aquecida, e a pessoa se sente mais quente. Mas ao mesmo tempo o sangue é resfriado, e, por seu turno, esfria os órgãos vitais internos. Assim o álcool faz com que a pessoa se sinta mais quente, quando em realidade está gelando até à morte, e muito mais depressa do que se não estivesse sob sua influência. Verdadeiramente, "o vinho é escarnekedor, ... e todo aquele que nele errar nunca será sábio".

Seria natural pensar: "Se o álcool torna a pessoa mais fria no tempo frio, deve mantê-la mais fresca no tempo quente". Mas o que se dá é justamente o contrário, visto o álcool aumentar grandemente o perigo de insolação.

E o Álcool Medicamento?

Chegamos agora à pergunta mais importante: E o álcool remédio? Certamente a resposta dependerá da definição de medicamento. Se por medicamento entendermos tudo aquilo que exerce efeito sobre o corpo, então o álcool o é. Mas para ser remédio verdadeiro, os efeitos devem ser benéficos em vez de prejudiciais, ou, pelo menos, o benefício deve ser maior que o prejuízo. Como já mencionamos, o álcool pertence à mesma categoria dos brometos, do éter e do clorofórmio; isto é, diminui a atividade do sistema nervoso.

Certamente se compreende que pode haver circunstâncias que justificariam o uso do álcool, visando a efeitos medicinais. Por exemplo: se o médico estiver nas selvas e tiver que realizar uma amputação e não houver nenhuma droga que amorteça a dor, certamente será justificável o uso do álcool para diminuir a sensibilidade. Mas significaria o fato de ser permissível o uso de álcool em tais circunstâncias, que ele devesse ser usado em outras ocasiões. Voltemos à nossa ilustração. Se o mesmo médico estivesse nas mesmas selvas e fôsse forçado a realizar a mesma amputação sem qualquer outro instrumento cirúrgico que não um canivete, certamente seria justificável usá-lo; mas isso não equivale a que seria boa cirurgia usar canivete quando está em condições de utilizar instrumento melhor.

Mas a parte peculiar quanto ao uso do álcool como medicamento é que, com raras exceções, não é usado para produzir seu verdadeiro efeito, que é o de depressão, mas seu suposto, embora irreal efeito: o de estímulo. Ora, é verdade que o uso de bebida alcoólica forte irrita o sistema nervoso e, portanto, acelera momentaneamente o pulso e possivelmente haverá ligeira elevação da pressão sanguínea. Mas é apenas um efeito irritante idêntico ao que se conseguiria se se colocasse na boca qualquer outra substância irritante, como a pimenta, por exemplo, o que só duraria alguns momentos. Se o álcool fôsse usado como narcótico, em vez

de estimulante, haveria mais razão para seu uso; mas usar um depressante, na esperança de alcançar efeito estimulante, é tão insensato quanto usar bolsa de gelo, à noite, para aquecer os pés.

Quando falo do uso do álcool como droga, aos meus amigos médicos que ainda o usam, eles, em geral, argumentam da seguinte forma: "Que diz de seu uso na pneumonia? Certamente é valioso nesse caso". Ao procurar-se saber por que o usam no tratamento da pneumonia, a resposta invariavelmente é: "Para levantar as forças". Mas justamente isso é o que o álcool não faz. Isso é muito bem esclarecido num editorial de *The Journal of the American Medical Association*, que contém a declaração: "O álcool não pode ser utilizado nas transformações celulares de energia, nem na realização de trabalho muscular", que, traduzido para a linguagem comum, significa que não se pode usar o álcool visando a alcançar energia e força. Só pode ser usado para aumentar o calor.

O efeito do álcool no sistema reprodutor não pode ser passado por alto. Ele origina a perda das funções superiores do cérebro, e causa imoralidade sexual, e, portanto, doença. Há também muita prova de que o álcool age diretamente na produção de males físicos e mentais em sucessivas gerações. Também, como causador de pobreza, seus efeitos são de grande importância para os bebês e demais crianças.

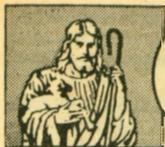
Uma Droga que Forma Hábito

Chegamos, agora, ao pior aspecto do uso do álcool. O álcool forma hábito. E isso é importante, pois quando uma pessoa começa a usá-lo, não pode ter a certeza de que terá forças para abandoná-lo. De fato, poderá ter toda a certeza de que não o abandonará. A princípio, o hábito parece inofensivo e fácil de quebrar; mas, antes de perceber o mal, perde-se o poder da vontade, de modo que o hábito não pode ser desfeito. Por que é o álcool formador de hábito? Porque produz alívio temporário dos cuidados da vida, e falso prazer ao fugir às suas realidades. No entanto, seus resultados são justamente o contrário. Aumentam esses cuidados, e as realidades da vida se tornam mais conflagradas. Ao mesmo tempo, as sensibilidades superiores sofrem depressão, depois são enfraquecidas até à perda da força da vontade; e a vítima continua a procurar alívio temporário a expensas da contínua degradação.

Conclusão

Em conclusão, eu gostaria de fazer séria pergunta: Que bem faz o álcool para que alguém esteja disposto a arriscar-se à crescente probabilidade de ser uma fonte de tristeza e de infelicidade para a família e os entes queridos? Esta vida só pode ser vivida uma vez. Estejamos seguros, e vivamos sem bebidas alcoólicas.





O BRA PASTORAL

FÉ QUE CURA

Como Nunca Ficar "Cansado"

GEORGE E. VANDEMAN

Secretário Adjunto da Associação Ministerial da Associação Geral

NÃO posso pensar em melhor maneira de iniciar, hoje, nossa mensagem, do que ler a promessa existente em Salmo 103, versículos 2 e 3: "Bendize, ó minha alma, ao Senhor, e não te esqueças de nenhum de Seus benefícios. É Ele que perdoa tôdas as tuas iniquidades, e sara tôdas as tuas enfermidades".

Meditai cuidadosamente nestas palavras, amigos, pois elas contêm uma das mais estonteantes promessas das Escrituras. Em média, os homens somente de maneira muito vaga sentem que a religião tem uma fonte de poder à sua disposição. Muitos, contudo, não conhecem método algum plausível de aproveitar esse poder, e isso é o que desejamos hoje descobrir — a fé que cura.

Suponho que quando alguns de vós leram o anúncio da reunião desta noite, tiveram pensamentos bem confusos. Talvez tenham pensado que seria uma missão de cura onde se imporia as mãos sobre o enfermo, em meio de agitação e de demonstrações públicas. Outros podem ter julgado, ao lê-lo cuidadosamente, que não passaria de uma promessa de compreenderem eles mesmos — "como nunca ficar cansado". Muitos, estou certo, meditaram ansiosamente nesta frase, cogitando em como poderiam alcançar esse ideal. Alguns poderão discordar de que os abalos nervosos não são causados por excesso de trabalho. Outros, oprimos pelas dificuldades, viram no anúncio um raio de esperança. Pode isto oferecer-lhes um meio de alívio? Quem quer que sejais, ou o que quer que necessitardes, estareis dispostos a orar calmamente a Deus para que vos traga justamente o auxílio que desejais?

A Religião e Nosso Bem - Estar Físico

Talvez a coisa mais importante que eu posso dizer para principiar, é o seguinte: A dificuldade da maior parte das pessoas é não reconhecerem que a religião tem muito que ver com o corpo, bem como com a mente. Não permitem que o poder renovador de Deus realmente se apodere de seus nervos e demais tecidos. Podereis perguntar: Que pretende o orador dizer? Simplesmente isto: Há viva e direta ligação entre a mente e o estômago, a corrente sanguínea, os tecidos, e o sistema nervoso. Veremos que a questão de como Deus cura é muitíssimo maior do que a imposição das mãos sobre os que estão desesperadamente mal. A imposição das mãos faz parte do plano de Deus, mas apenas comparativamente poucos necessitam dessa bênção. A maioria, contudo, necessita diariamente dos pontos vitais que discutiremos esta noite.

Mais uma palavra: Podemos dar graças a

Deus por Jesus ser o Grande Médico. Ouvimos mais a respeito de Suas curas do que de Seus ensinamentos. Tende a bondade de notar III S. João 2: "Amado, desejo que te vá bem em tôdas as coisas, e que tenhas saúde, assim como bem vai à tua alma". Isso é uma novidade para muita gente. É a saúde de alguém igual a sua experiência cristã? Sim, é isto que ele diz. Deus deseja que sejais radiantemente sadios. E há um meio de consegui-lo. Qual é?

Diz Deus: "Vinde a Mim, ... e Eu vos aliviarei". Algumas pessoas julgam que isso significa apenas descanso espiritual. Esperam inteiramente um descanso no futuro, mas muitos têm pôsto na mente que devem acabar com o cansaço e com a exaustão aqui.

"Como nunca se cansar" obviamente necessita de uma pequena qualificação. Antes de tudo, há um cansaço que advém do trabalho físico. Em S. João 4, verso 6, é-nos dito que Jesus ficou cansado e Se assentou para descansar. O sábio disse que doce é o sono do trabalhador. Sim, amigos, o resultado normal de um dia de trabalho é um saudável cansaço que leva ao sono reparador e faz bem a qualquer pessoa.

Há o cansaço que vem da doença, e o que provém naturalmente da idade avançada, mas, além destes três estados naturais é possível nunca ficar "cansado".

O cansaço físico, ou corporal, proveniente do trabalho pesado pode ser facilmente equilibrado. A perda de energia durante o dia pode ser recuperada numa boa noite de sono; de fato, dizem-nos os médicos que não pode haver déficit de fadiga. Não pode ser transferido de um dia para o outro ou de uma para a outra semana. Em outras palavras, se estiverdes cansados depois de vinte e quatro horas de descanso completo, vossa dificuldade é cansaço da mente ou do espírito. Não é física, mas espiritual.

Para descansar fisicamente, não há necessidade de três ou de seis meses de férias. Certamente é bom ter uma mudança, mas a pessoa se pode cansar descansando! Se depois de alguns dias a pessoa não se sente descansada, preocupa-se com sua falta de descanso, e então não descansa porque se preocupa.

Causas do Desequilíbrio Nervoso

Perguntais: Que dizer do desequilíbrio nervoso? Contrariando a crença popular, aqueles que sabem, dizem-nos que o desequilíbrio nervoso não é causado pelo excesso de trabalho. Disse o Dr. Austin F. Riggs: "O trabalho árduo e mesmo abundante, quer seja físico quer men-

tal, nunca em si mesmo produziu um simples caso de esgotamento nervoso”.

O Dr. A. A. Brill acrescenta: “Ninguém jamais sofreu de desequilíbrio nervoso como resultado do trabalho. Essas enfermidades simplesmente não existem”.

Também o Dr. Paulo Dubois dá uma inqualificável declaração, raramente apresentada pelos grandes médicos: “Em todos os meus casos nervosos nunca encontrei um único que pudesse ser atribuído ao excesso de trabalho”.

E, como para selar a questão, diz o Dr. Ira Wile: “Indubitavelmente, não há coisa que se chame desequilíbrio por excesso de trabalho”.

Qual é, então, a causa do cansaço? estareis, certamente, perguntando. Duas, podem ser apontadas, que perfazem a causa total. Primeiro: pensar demais no que poderá produzir o desequilíbrio, realmente poderá, às vezes, levar ao colapso nervoso. Nossa mente tem forças de sugestão a que o corpo atende intimamente. Certo pregador afamado planejou dez sermões consecutivos sobre a maneira de evitar o desequilíbrio nervoso, e terminou apenas com um. Infelizmente tanto se preocupou com o aspecto negativo, que enfraqueceu sua própria resistência nervosa. Verdade psicológica é que, seja o que for que vos domine a mente, dominavos também. Julgo prudente abordar esses problemas com um oferecimento positivo de auxílio. *Há uma fé que cura.* Pensemos nisso, e estaremos em condições de evitar colidir de frente com um desequilíbrio nervoso, em vez de para ele avançar diretamente.

Segundo, e talvez mais importante, há algum conflito no fundamento de qualquer um desses colapsos. A causa desse conflito deve ser descoberta e ajustada. Mas não me interpreteis mal. Essas dores e desequilíbrios não são imaginários, são, todos, trágicamente reais, mas devidos a *atitudes mentais e espirituais erradas.* Quais são essas atitudes mentais e espirituais erradas que levam à dificuldade? Dentre elas mencionamos cinco, que são:

O egoísmo torna-vos cansados. A pessoa cujos pensamentos se centralizam somente em si mesma é, em geral, pessoa cansada. Procura viver de modo impossível, e não alcança a felicidade. Nenhuma pessoa egocêntrica é verdadeiramente feliz. Não fomos feitos dessa maneira, e nenhuma porção de inatividade descansará uma pessoa egoísta.

A ansiedade cansa-vos. Preeminente ministro viajava em avião. Já havia terminado a refeição, quando o comandante por ele passou, perguntando-lhe se gostara do lanche, e este lhe disse que sim. Perguntou, por sua vez, cortêsmente, ao piloto se também gostara.

— Não, eu tenho digestão difícil, respondeu-lhe o aviador.

— Que o está preocupando? perguntou-lhe o ministro.

O piloto olhou admirado, e disse:

— Sim, estou preocupado. Estou com temor de que me ponham numa direção que eu não gostaria de tomar. Por isso estou preocupado.

O ministro lhe respondeu:

— Essa é a sua dificuldade Sua preocupação está-lhe alterando o aparelho digestivo.

Notai o que diz Eclesiastes 11:10: “Bani da mente, toda ansiedade e conservai o corpo livre de dor”. (Trad. de Moffat.)

Há uma úlcera conhecida como úlcera de Dunquerque, e que se desenvolveu, em grande escala entre os que esperavam ansiosamente ser retirados da praia. Outro texto que faz pensar encontra-se em Provérbios 17:22: “O

coração alegre ajuda e cura: o espírito quebrantado solapa a vitalidade”. Sim, a ansiedade encontrar-se atrás de muita exaustão. (Trad. de Moffat.)

O temor cansa-vos. “A inquietação é geral, o medo é específico”, e, portanto, ainda mais perigoso. Um grande médico sentou-se num restaurante defronte de uma senhora que usava uma cruz de ouro.

— Se mais pessoas cressem naquilo para que é usada a cruz e para isso vissem, disse ele, eu nada teria que fazer. Vejo de setenta e cinco a cem pacientes todos os dias, e o de que mais sofrem são: temor, solidão e egoísmo.

As Emoções e a Doença

Um de meus amigos, deão de uma escola de medicina, escreveu: “As emoções, como causa de enfermidades, podem ser mais importantes do que os fatores físicos”. Declara que uma emoção como o medo estimula automaticamente a glândula suprarrenal que, por seu turno, lança adrenalina na corrente sanguínea. Esta circula no sangue, aumentando o número de batidas do coração e contraindo os vasos sanguíneos, aumentando assim a pressão sanguínea. Também estimula o fígado, de modo que quantidades crescentes de açúcar são lançadas no sangue. Também aumenta a média das respirações, e paralisa temporariamente a atividade dos órgãos digestivos. Diz ele: “Uma emoção como o medo é a reação normal do organismo para fazer face a uma emergência”. O corpo põe-se fisicamente, em guarda, pronto para saltar. Esta é a razão de, em resposta ao medo, a pessoa ser capaz de fazer proezas, que de outra maneira seriam impossíveis. Infelizmente, a ira e o ressentimento produzem quase a mesma reação, e quando essas emoções são produzidas continuamente, sem necessidade de uma crise, o resultado é um distúrbio funcional.

Certo jovem que tinha uma úlcera gástrica, sofria espasmos no estômago à hora da refeição. Descobriu-se que durante sua infância o sino para o almoço era o sinal para a rixa habitual da família ao redor da mesa.

Notai que a Bíblia está adiantada de seu tempo ao desvendar essa situação. Salmo 6, verso 7, diz: “As dificuldades consomem minha força, envelheço sob os ultrajes” (Moffat). Também Provérbios 14:30, segundo Moffat, diz: “A mente tranqüila é vida e saúde, mas a raizão faz o homem apodrecer”. Sabíeis que estes versos estão na Bíblia? Com que clareza descrevem os maus efeitos das atitudes mentais erradas!

Acreditais que o Deus do Céu poria Sua mão curadora indiscriminadamente sobre os homens e mulheres que, devido a uma vida não consagrada, trazem sobre si enfermidades, e usariam suas novas forças na dissipação? Cura Deus apenas para restaurar, de maneira que possamos desrespeitar as leis da saúde e continuar a Lhe desobedecer? Certamente Deus perdoa, e em muitos casos tem salvo um homem a despeito do passado, mas não sem levar esse homem ao arrependimento e, finalmente, à compreensão da vontade de Deus. Jesus continuamente dizia, quando curava o enfermo: “teus pecados te são perdoados”. Vêdes agora por que Jesus se aproximou da questão dessa maneira? Ele desejava remover a causa e ensinar um caminho melhor à pessoa curada.

Finalmente, a culpa torna-vos cansados. O fardo do pecado cria temor, desconfiança, e o desejo de evasão às realidades da vida. A culpa produz conflito entre o que é direito e o

que é errado, e a luta cansa-vos. Salmo 38:3 é bem acertado: "Não há saúde nos meus membros, por motivo dos meus pecados". (Moffatt).

O pecado é como um germe. Cobri-o, e ele crescerá. Apostema e enferma o corpo. Jesus vos convida a confessar vossos pecados, pois é fiel e justo para perdoar esse pecado e purificar-vos de toda a injustiça. Lede repetidamente estas palavras em I S. João 1:9, e sentireis na vida o poder perdoador de Cristo.

Como Deus Cura

Desejo esclarecer um ponto. Deus ainda está curando hoje, como o fez por meio de Cristo, tantos anos atrás. Ele cura de várias maneiras e por diferentes meios e métodos, mas em cada caso é Deus quem cura. *Nós limpamos o caminho; Deus efetua a cura.* Sem dúvida estas perguntas: Como cura o nosso Deus?

Não é falta de fé dizer que Deus cura por meio de médicos e cirurgiões. S. Lucas era médico; e Jesus freqüentemente usava remédios simples, como o unguento para os olhos. Sômente agora estamos descobrindo que alguns dos mais poderosos remédios são encontrados na terra e nas plantas. E, também, Deus cura por meio da sugestão mental. Um olhar equilibrado, são, à vida, confiando em Deus, aliviar-nos-á de muito temor de doença. Um negociante, em viagem de avião, adoeceu gravemente. Descontrolou-se-lhe o coração. Não podia respirar. A altitude foi demasiada, declarou êle. Um médico sentou-se ao seu lado, e, tentando ajudá-lo, perguntou-lhe onde morava. O negociante respondeu que morava na cidade do México. Ao dizer-lhe o médico que a cidade do México está a mais de 2.200 metros do nível do mar, e o avião estava, no momento, a menos de 700 metros de altura, o homem melhorou imediatamente.

A ciência médica está provando que há "cegos com nervos ópticos perfeitos, paralíticos tão são dos membros como o próprio médico, aleijados que nunca estiveram feridos, surdos que nunca sofreram dos ouvidos. Por que, então, estão doentes? Porque sua mente ficou conturbada, centralizavam a sua fé em si mesmos, e não em Deus. Em qualquer parte do subconsciente, como que os fios estão cruzados.

Deus cura por meio da educação. Creio num plano de viver melhor. Haveria muito menos pedidos de orações especiais pelos enfermos, se soubessemos como cuidar desses corpos e dessas mentes. Atitudes mentais claras e saudáveis, com base no conhecimento do amor de Deus e de Seu poder, são um dos meios mais práticos com que Deus cura.

Deus cura libertando do temor, da melancolia, do egoísmo, dos ressentimentos e da culpa. Deus também cura pelo toque do Espírito. Queremos, hoje, responder às seguintes perguntas: Como poderemos dominar o temor, a preocupação e a ansiedade? Onde encontrar libertação do egoísmo, da melancolia, do ressentimento e da culpa? Como poderá o homem pôr a vida em harmonia com a Fonte vivificante do poder restaurador e curador? A resposta é breve mais importante. É pela fé.

O Lugar da Fé

"Oh!" dirá alguém, "eu temia justamente isso. É aí que sou vencido mesmo antes de começar. Não tenho fé, e se a tivesse não saberia como usá-la." Cobrai ânimo, amigo. Há muito nos é dito para "ter fé". Gostaria, no entanto, de tentar mostrar-vos como ter fé e como poderéis adquirir capacidade espiritual

para desenvolver fé firme e eficiente, uma fé que possa transformar completamente toda coisa errada que interfira com vosso bem-estar. "Ah!" direis, "eu tudo daria por uma fé assim". E ela se poderá desenvolver como resultado de dois passos muito simples.

O primeiro envolve a prática da oração simples mas de coração, a devoção diária e a meditação, lendo a Palavra de Deus. Henry Drummond foi um dos intelectos cristãos superiores de seu tempo. Contudo seu segredo era tão simples que qualquer pessoa pode pô-lo em prática: "Passar dez minutos por dia em comunhão com Cristo. Sim, dois minutos, tornarão diferente o dia todo".

Multiplicai esta prática dia a dia e sereis beneficiados pelos efeitos cumulativos do hábito e da mudança mental de perspectiva. Todos nós conhecemos homens fortes e de felicidade radiante, que viveram como "vindo de grande profundidade de alma". Ao lhes examinardes o viver diário, descobris que revela estes períodos regulares de meditação. Dizem as Escrituras Sagradas: "Une-te pois a êle e tem paz". Sentai-vos calmamente o tempo suficiente para "permitir que se forme nata". Esta prática simples produzirá domínio sobre o temor e as fraquezas, e edificará em vós uma fé viva e duradoura. Se achais que não tendes tempo, tão sômente lembrai-vos de que sempre temos tempo para o que queremos fazer. A prova trará a recompensa.

Jeremias 2:32 diz: "Meu povo se esqueceu de Mim por inumeráveis dias!"

A pouca fé, ou a falta absoluta de fé origina-se de viver *esquecido*. Paderewski disse que se êle deixasse de tocar violino um só dia, poderia notar diferença no modo de tocar. Se deixasse de praticar dois dias, sua família podia notar a diferença. Se deixasse três dias, seus amigos o reconheceriam, e se passasse uma semana o público o descobriria. Isso ilustra a perda sutil e perigosa da força e do contrôlo íntimos que o homem sofre quando negligencia esses momentos calmos com Deus. Se omitirmos esses momentos calmos um dia, veremos a diferença, e quanto mais os omitirmos, tanto mais se alargará o círculo, até nossa família, nossos amigos, e nossos conhecidos o notarem. Rogo-vos, considerai sagrado esse tempo. Tão simples é o segredo, e tão grandiosos os resultados, que compensa extraordinariamente observar bem vossos instantes de quietude.

Tranqüilamente, relaxai o corpo, depois permiti à mente relaxar-se também, e então abri, conscientemente, para Deus as portas do espírito. Permitti às energias divinas fluírem por vós, ao passardes um período de tempo lendo de Cristo e meditando em Seu amor e Seu poder salvador. "Contemplando, seremos transformados".

Confiar mais do que Experimentar

O segundo método para ter fé é submeter a vida à vontade de Deus, com confiança infantil; é crer por um ato de confiança; é entrega completa. Algumas pessoas se esforçam extremamente para crer. Isso não é fé. É uma ansiedade que procura parecer fé. No entanto, podeis dizer: "Creio, Senhor, ajuda a minha incredulidade. Em Ti confio, embora questões obscuras me povoem a mente". Ao vos apegardes positivamente e firmemente às verdades que sabeis serem certas, notareis que estais triunfando sobre as fracas dúvidas de um corpo preso à Terra. Então a concepção da graça perdoadora de Deus e a certeza da energia interior

são os fenômenos mais impressionantes de toda a experiência humana. Estais lançando mão do poder que cura. *A fé vos liga a Deus.* Oh, sim! necessitamos cooperar inteira e completamente com Deus, mas a maior bênção recebemos quando aprendemos a cooperar *confiança*, em vez de *experimental* freneticamente em nossas fracas e limitadas forças.

Os japoneses descobriram um método de amarrar as raízes mestras de árvores que estavam destinadas a ser gigantes da floresta. Com as raízes mestras atadas, no entanto, nunca mais passaram de plantas de vaso. Muitos cristãos — e infelizmente seu número é uma legião — se tornam anões na eficiência, na liberdade, na força, somente porque a raiz mestra está amarrada com o egoísmo, a ansiedade, o temor ou a culpa. Estes e muitos outros empecilhos deformadores desanimam e derrotam suas tentativas em busca de Deus, e conduzem à enfermidade. Ó amigo! liberta-te e deixa que a raiz mestra se implante firmemente em Cristo, a Fonte do poder espiritual, a fim de alcançar diariamente uma vitória sólida e duradoura.

Deus Pode Atender às Vossas Necessidades

Eu não sei quem sois nem qual poderá ser vossa necessidade particular, mas Deus o sabe, e isso é o que importa, sobretudo. Ouvistes, hoje, a voz de Deus revelando o fardo da culpa que deve ser descarregado? Tendes tido o desejo de trocar as cadeias mais familiares do pecado secreto pela liberdade e o respeito próprio? Está a vossa personalidade sendo perturbada por desejos em conflito? Está a vossa vida paralisada pelo temor? Estão ressentimentos profundamente arraigados envenenando-vos o corpo? Vêdes o que Deus pode fazer por meio de Seu perdão e guia, a uma atitude mental sã e agradável? E se eu não mencionei vossa necessidade, mas se, pelo Espírito de Deus, vistes o caminho com maior clareza, estais dispostos a aceitá-lo? Quantos, nesta hora, desejam que os lembremos em nossas orações? Quantos desejam, mais que qualquer outra coisa neste mundo serem curados e desejam a fé interior que os ligue com esse Poder, Cristo Jesus, e a Sua paz curadora? Conceda-vos Deus o vosso desejo. (Orar em seguida.)

A Organização do Sermão

A. E. LICKEY

EM SE tratando da organização de um sermão, antes de tudo, é de bom alvitre dar atenção ao seu comprimento. Como regra geral, a norma é que seja de quarenta e cinco minutos. A maioria dos que passam desse limite perdem por assim fazer; e há muitos que não deveriam falar todo esse tempo. Em certas ocasiões especiais, com auditórios especiais, pode permitir-se uma exceção à regra, mas todo ministro que prega regularmente num lugar deve precaver-se contra ultrapassar esse limite de tempo.

Outro ponto de importância capital na organização de um sermão são os meios mais eficazes de interessar pessoas de todas as idades. Creio que devemos aprender a ser mais simples e diretos em nossas pregações, reconhecendo o princípio de que o que interessa os jovens também o fará aos de idade madura. A experiência me tem levado à conclusão de que "uma partezinha para as crianças" em cada sermão é melhor do que um sermão especial para elas, antes do culto. Este último plano, que até certo ponto ainda está em uso, dá a idéia de que o culto de pregação não é próprio para as crianças. A "partezinha" no sermão regular leva tanto as crianças como os grandes à antecipação de alguma coisa.

Ao apresentar o seguinte esboço sobre a conveniência da organização do sermão, desejo chamar especial atenção para a "Conclusão". Tenho a firme convicção de que, como pregadores adventistas do sétimo dia, sempre que sofremos fracasso, é ele devido, em grande parte, a não termos dado a necessária atenção ao fecho do sermão. No ponto crítico, quando deveríamos alcançar os corações com as verdades salvadoras de maneira mais definida, fracassamos porque ao planejar e organizar o sermão não escolhemos o ponto propício para terminar. Pessoalmente, lamento profundamente as vezes em que preguei sermões aceitáveis, que foram

um fracasso, por não haver eu tido em mente um ponto definido em que parar.

I. INTRODUÇÃO

1. Propósito.

- a) Captar a atenção.
- b) Preparar os ouvintes para compreenderem claramente o sermão.

2. Matéria.

- a) Texto, contexto, arranjo, etc.
- b) Relação do tema para com outros anteriores ou a serem apresentados.
- c) Ocasião.
- d) Uma história apropriada.
- e) Vós mesmos — Acautelai-vos para não fazer de vós mesmos o assunto introdutório. As vezes haverá ocasião para isso, mas CUIDADO! Poderá tornar-se um hábito pernicioso.
- f) Desculpas — CUIDADO!!

3. Qualidades Desejáveis.

- a) Concisão — A introdução não deve ser longa. O auditório suspira, pela antecipação de um discurso, longo, quando depois de vinte minutos de pregação, o orador informa que agora está pronto para entrar no assunto prontamente dito. Não façais a casa toda consistir só do vestibulo!
- b) Comedimento — Não sejais enfáticos, bombásticos ou dramáticos demais. Certamente já tivestes muitas vezes a experiência de encontrar uma pessoa que à primeira vista causou impressão agradável quanto a sua habilidade, mas vos deixou, mais tarde, muitíssimo desapontados. Ênfase demasiada no começo do sermão leva o auditório a esperar demais, e às vezes não estais em condições de satisfazer essa expectati-

va. Não galgar alturas elevadas demais, a princípio.

- c) Variedade — Não sigais num simples ramerrão. Usai temas de atualidade, mas não insensatos nem teatrais.

II. APRESENTAÇÃO

1. Plano: Lógico e coerente.

- a) Análise — O estudante descuidado não está habilitado para analisar suficientemente; o estudante profundo está apto para ser superanalítico. Analisai, mas não análises demais, a ponto de não haver em vosso discurso animação ou liberdade. Dai ao Espírito a oportunidade de atuar.
- b) O que, quem, onde, quando, por quê, como? etc. — Eis algumas das interrogações sobre que o discurso pode ser construído.
- c) Narração e exposição — Nos sermões em que um capítulo ou certos versículos são explicados, como em Daniel 2, é fácil permitir que a mera narração da história tome o tempo todo. Escolhei certos pontos salientes da narrativa, para que o público possa deles obter idéias definidas.
- d) Ilustração — Dai ao auditório algumas janelas pelas quais olhar. Embora não devamos ser considerados contadores de histórias, lembremo-nos das parábolas de Jesus e reconheçamos que um princípio de verdade sagrada levado ao coração por meio de uma história, é capaz de se alojar no coração por algum tempo.

2. Perigo:

Prolixidade demasiada — Visto virem sempre à mente miríades de pensamentos, lembrai-vos de que é melhor que vossos ouvintes levem para casa uns poucos pensamentos bons, do que deixar na igreja um milheiro deles. O estudante aplicado pode ser prolixo demais. Lembrai-vos de que não pregamos apenas pelo prazer de apresentar ao público os resultados de nosso estudo, mas para levar-lhes a verdade ao coração e ligar a alma a Deus.

III. CONCLUSÃO

1. Planejamento — Tenhamos planos definidos para a conclusão. Concedemos ao Espírito de Deus ação livre, todo o tempo, mas fracassamos notavelmente em nosso preparo, e, portanto, na apresentação, quando não temos planos definidos para a conclusão. Como pregadores adventistas do sétimo dia, fracassamos neste ponto mais do que em qualquer outro do preparo ou da apresentação do sermão. Oremos e planejemos quanto a este ponto crítico de nossa pregação.

- a) Resumo — Recapitular brevemente os pontos principais do sermão, dá, muitas vezes, bom resultado. Mas cuidemos de não pregar de novo o sermão.
- b) Aplicação — A conclusão oferece frequentemente a oportunidade de fazer aplicação pessoal mais específica de alguns dos pontos principais do sermão, do que durante a apresentação regular do assunto.
- c) Apêlo — Certamente a conclusão oferece oportunidade de que devemos sempre

tirar proveito para fazer um apêlo definido ao coração dos ouvintes. Quase pecado, porém, é apelar e tornar a fazê-lo, quando vosso próprio coração não se sente tocado pelo apêlo. Acautelai-vos contra os apêlos longos e mortos.

- d) Palavras finais.
- (1) Vosso texto.
 - (2) Pensamento principal.
 - (3) Algum passo das Escrituras.
 - (4) Oração.
 - (5) Palavras de cântico.
 - (6) Ilustração apropriada.

2. Sugestões.

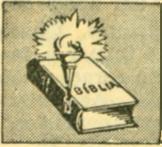
- a) Comprimento — Ao concluir o sermão, especialmente quando este já foi apresentado, com eficácia parece povoarem a mente muitos pensamentos fugidios. Cuidai de não lhes dardes muita atenção, levando o auditório a ir além do ponto em que acharam que devíeis ter parado. Fazeis com que desejem que chegueis ao vosso fim, quando parece que ultrapassastes o ponto exato em que devíeis ter terminado o sermão.
- b) Coerência — Se prometestes concluir com “este trecho das Escrituras”, então fazei-o. Todos nós temos falhado nesse ponto. Lembremo-nos de que somos pregadores da verdade. Falemos a verdade.
- c) Variação — Novamente, não sigais rotina alguma. Terminai os sermões de maneira diversa.

Vida Santa

“Não é somente pregando a verdade, ou distribuindo literatura, que devemos ser tetemunhas de Deus. Lembremo-nos de que uma vida semelhante à de Cristo é o mais poderoso argumento que pode ser apresentado em favor do cristianismo, e que o cristão que não é fiel à sua profissão causa mais dano ao mundo do que um mundano. Nem todos os livros escritos poderiam substituir uma vida santa. Os homens acreditarão, não o que o ministro pregue, mas o que a igreja pratique em sua vida. Demasiado a miúdo a influência do sermão pregado do púlpito é anulada pelo sermão feito na vida dos que professam ser advogados da verdade.

“É desígnio de Deus que Seu povo O glorifique perante o mundo. Ele espera que aqueles que usam o nome de Cristo O representem em pensamento, palavra e ação. Seus pensamentos devem ser puros e nobres as palavras, de molde a elevar, e conduzindo os que os cercam para mais perto do Salvador. Tudo quanto, fazem e dizem deve achar-se impregnado da religião de Cristo. Até suas transações comerciais devem rescender o aroma da presença de Deus”. — *Test. Sel.*, Vol. III págs. 289 e 290.





ESTUDOS BÍBLICOS

O Espírito de Profecia

ESTA A. WRICK

Instrutora Bíblica de Oakland, Califórnia, EE. UU.

I. — A PROFECIA NA ANTIGUIDADE

1. Antes do pecado, Adão falava face a face com Deus. Gên. 1:28.
2. Depois do pecado, ele somente ouvia a Sua voz. Gên. 3:8.
3. Mais tarde, Deus falou aos profetas. Amós 3:7; II Sam. 23:2.
4. O profeta é chamado vidente. I Sam. 9:9.
5. Homens santos falaram inspirados pelo Espírito Santo. II S. Ped. 1:21.
6. Deus falava aos profetas em visões e sonhos. Núm. 12:6.
7. Ao ser negligenciada a lei, Deus restringe as visões proféticas. Lam. 2:8 e 9. "Não havendo profecia, o povo se corrompe". Prov. 29:18.
8. A profecia divina é tríplice: Expõe o passado. Aconselha para o presente. Prediz o futuro.

II. — A PROFECIA NA IGREJA PRIMITIVA

1. Deus instituiu profetas na igreja. I Cor. 12:28.
2. Haverá na igreja, apóstolos, profetas e evangelistas. Efé. 4:11.
3. O dom profético é para a edificação e aperfeiçoamento dos santos. Vs. 12-15.
4. A profecia de Paulo revela o surgimento do anticristo. II Tess. 2:3 e 4.
5. O ataque do anticristo à lei de Deus, predito por Daniel. Dan. 7:25.

III. — DECLÍNIO DO DOM DE PROFECIA POR SÉCULOS

1. Ao ser esquecida a lei, cessou na igreja o dom profético. Sal. 74:7-10.

2. O dom profético será restaurado na igreja dos últimos dias. I Cor. 1:4-7.

IV. — IDENTIFICADA A IGREJA REMANESCENTE PELO DOM DE PROFECIA

1. Os remanescentes são conhecidos pela guarda dos mandamentos e pela posse do testemunho de Jesus. Apoc. 12:17.
2. "O testemunho de Jesus é o Espírito de profecia". Apoc. 19:10.
3. A guarda dos mandamentos promove a fé de Jesus. Apoc. 14:12.
4. Três mensagens são pregadas pela igreja remanescente. Vs. 6-12.
5. As três mensagens angélicas continuam até ao fim da graça.
6. A igreja remanescente surge em 1844, no fim da profecia dos 2.300 dias. Dan. 8:14.
7. A identificação da igreja: Guarda os mandamentos de Deus. Tem o Espírito de profecia. Surge em 1844. Prega a mensagem da hora do juízo.

- V. — APÊLO: Com que precisão cumpre a igreja remanescente as especificações da verdadeira igreja de Deus nos últimos dias! O dom profético, juntamente com a obediência à lei de Deus, identifica os Seus verdadeiros crentes. Quão gratos devemos ser pela guia do Espírito de profecia! Continuaremos a estudar como este dom especial foi manifestado em nosso tempo, e por meio de quem o foi.

As Advertências do Espírito de Profecia Devem Ser Seguidas

"Tempos perigosos nos estão à frente. Todo o que possui o conhecimento da verdade deve despertar e colocar-se, corpo, alma e espírito, sob a disciplina de Deus. O inimigo está em nosso encalço. Precisamos estar bem despertos, em guarda contra ele. Precisamos revestir-nos de toda a armadura de Deus. Temos que seguir as direções dadas por meio do Espírito de profecia. Temos que amar a verdade para este tempo e a ela obedecer. Isto nos guardará de aceitar fortes enganos. Deus nos falou por Sua Palavra. Falou-nos pelos testemunhos para a igreja, e pelos livros que têm ajudado a esclarecer o nosso dever presente bem como a posição que devemos ocupar agora. As advertências que têm sido dadas, mandamento sobre mandamento, regra sobre regra, devem ser tomadas a peito. Se as menosprezarmos, que desculpa poderemos apresentar?" — *Test. Sel.*, Vol. III, pág. 275.

CAIXA DE PERGUNTAS

A Data do Início do Ano

R. E. FINNEY

Pergunta: É DE ORIGEM PAGÁ A CELEBRAÇÃO DE PRIMEIRO DO ANO?

Resposta: O costume de celebrar-se o início de novo ano com solenidades religiosas não é de origem pagá. Ver Exo. 12:1 e 2; Lev. 23:24 e 25. Mas a data de início do ano em 1º de janeiro é definitivamente de origem pagá. Ver definições de janeiro e Janus, no *New International Dictionary*.

A *Enciclopédia Britânica*, sob o tópico "Dia do Ano Novo", diz:

"Os antigos egípcios, fenícios e persas começavam seu ano no equinócio do outono (21 de setembro), e os gregos, até o quinto século antes de Cristo, no solstício do inverno (21 de dezembro). Os antigos romanos celebravam outrora o início do ano em 21 de dezembro, mas César, pela adoração do calendário juliano, transferiu-o para o último dia de janeiro. Os judeus sempre reconheceram seu ano civil a partir do primeiro dia de Tishri (6 de setembro - 5 de outubro), mas seu ano eclesiástico começa no equinócio da primavera (21 de março). O vigésimo quinto dia de março era usualmente a data aceita pela maioria dos cristãos nos dias medievais. Na Inglaterra anglo-saxônica, entretanto, o dia 25 de dezembro era o dia de Ano Novo. Ao tempo da Conquista Normanda, crê-se que Guilherme, o Conquistador, para fazer que sua coroação coincidisse com esta data, tenha ordenado que o ano começasse no último dia de janeiro. Mais tarde, porém, a Inglaterra começou seu ano com o resto da cristandade, em 25 de março. O calendário gregoriano (1582), que restaurou o último dia de janeiro à sua posição como dia de Ano Novo, foi aceito pelos países católicos de uma vez; pelos alemães, dinamarqueses e suecos, cerca do ano 1700, mas não até 1752 pela Inglaterra". — Vol. XVI, pág. 365.

Podemos ver, assim, que a data de Ano Novo usada pelos judeus, que seguiram a lei de Moisés, era no outono, ou primavera, correspondendo com a Páscoa, ou a Festa das Trombetas, dez dias antes do Dia da Expição. As nações mais fortemente influenciadas pelos israelitas (Egito, Fenícia e Pérsia) usaram a data do outono, tal como o faziam os israelitas. Os pagãos gregos e romanos usavam a festa do Sol, em 21 de dezembro, ou de Janus, em 1º de janeiro (uma forma em que o Sol era também adorado, ver o dicionário de Webster, derivação da palavra "janeiro"). Uma data da primavera veio dos dias dos primeiros cristãos, mas a Inglaterra pagá usava o festival ao deus-Sol em 25 de dezembro. Ao tempo da conquista normanda (1066 A.D.), quando o catolicismo dominava na Inglaterra, o dia primeiro de janeiro, também festival pagão, foi instituído como Ano Novo, em suposta honra da coroação de Guilherme o Conquistador. Mas a data da coroação pode facilmente supor-se haver sido escolhida como um dos dias de festa pagá ro-

mana, rebatizado. A Inglaterra não adotou logo a data pagá, católica, mas continuou a seguir o resto da cristandade européia, usando a data de 25 de março, que tinha vindo dos primeiros dias do cristianismo e subsequente à de origem mosaica. Mas a partir de 1582, o dia primeiro de janeiro foi, pela influência católico-romana, amplamente aceito como dia de Ano Novo. O calendário gregoriano foi um grande auxílio para o mundo, do ponto de vista astronômico, mas removeu o dia de Ano Novo, da primavera ou outono (ambos com origem no Velho Testamento), para 1º de janeiro, que era uma velha festa pagá em honra de Janus, uma forma do deus-Sol.

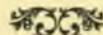
"Fora da Minha Carne"

Pergunta: JÓ CAP. 19, VERS. 26, NA TRADUÇÃO BRASILEIRA, REZA: "DEPOIS DE DESTRUÍDA ESTA MINHA CARNE VEREI A DEUS". A TRADUÇÃO ALMEIDA DIZ: "DEPOIS DE CONSUMIDA A MINHA PELE, AINDA EM MINHA CARNE, VEREI A DEUS". QUAL A TRADUÇÃO AUTORIZADA?

Resposta: É evidente que, na Versão Brasileira, os tradutores não tiveram perfeita clareza quanto ao sentido do versículo. Já estava em grande aflição quando pronunciou essas palavras. A doença consumia-lhe o corpo e suas palavras exprimem uma fé que se ergue acima das condições em que se achava. No versículo 25, diz ele: "Eu sei que o meu Redentor vive, e que por fim Se levantará sobre a Terra". Já queria com isso dizer: Quando meu Redentor Se erguer para vindicar minha causa, embora esta carne esteja completamente destruída, eu O verei não obstante.

O poder da ressurreição dar-lhe-ia o corpo imortal, tão claramente prometido na Palavra de Deus; e mesmo que tivesse de morrer, e o corpo que então possuía fôsse destruído pelos vermes, o infinito poder do grande Criador concederia a Jó a vida e a imortalidade.

Se considerarmos o texto da Versão Brasileira à luz de outros passos claros, sobre o assunto, desaparecerão as dificuldades; pois Jó protesta que, para sua existência, não dependia da carne que então possuía mas, sim, tão somente, do poder do grande Redentor. — F. M. W.





NOTAS E NOTÍCIAS

O DIA DA BÍBLIA

NUM impresso referente às ofertas feitas à Sociedade Bíblica do Brasil, no período de 1.º de novembro de 1952 e 30 de outubro de 1953, figuram os Adventistas do Sétimo Dia com as seguintes importâncias:

1. Conference Seventh Day Adventists	2.500,00
2. Conference Seventh Day Adventists	2.500,00
3. Igreja Adventista de Goiânia	91,50
4. Igreja Adventista de Moruba	424,10
5. Igreja Adventista de Goiânia	69,00
6. Igreja Adventista	250,00
7. Igreja Adventista de Andradas	150,00
8. Associação Paulista da Igreja Adventista do 7.º Dia	5.705,60
Total	11.690,20

Outras denominações deram 20, 50 e 80 mil cruzeiros, perfazendo o total de 380 mil cruzeiros. Das nossas ofertas de um ano inteiro, deduzidas as importâncias dos itens 1 e 2, que presumimos tenham vindo da Divisão Sul-Americana, e do item 8, da Associação Paulista, restam para as demais congregações brasileiras, que somam hoje cerca de 30.000 crentes batizados, Cr\$ 984,60!

Prezados presidentes de União, de Associação ou Missão, ministros e anciãos de igrejas, será que estamos realmente soando metal e tinindo sino, ao pregar que amamos a Palavra de Deus e a temos como a única regra de fé e norma de vida religiosa?

Pelos Cr\$ 17,00 por que a Bíblia é hoje vendida, é ela entregué ao público com prejuízo avultado. Quem o sofre? O povo americano generoso. Recebemos a bendita Palavra de Deus, por preço ínfimo, das mãos de estrangeiros; que fazemos para dá-la aos nossos patrícios, tão necessitados da salvação?

Damos isto: Cr\$ 6.690,20 divididos por 30.000 crentes, o que toca para cada adventista no Brasil, vinte e dois centavos por ano!

Se realmente amamos a Bíblia e não queremos apenas que no-la dêem, não deveríamos nós demonstrá-lo com uma generosa oferta no segundo sábado de dezembro? A quem compete coordenar esse movimento?

"Lança o teu pão sobre as águas", diz-nos a Bíblia. Façamo-lo.

R. A. B.

A Biblioteca de Alexandria

A ESCOLA de Alexandria foi fundada por Ptolomeu Stoter, no segundo século antes de Cristo, e a sua célebre biblioteca teve a princípio 200 mil obras. Mais tarde, tiveram que mandar alguns milhares de volumes para Serapis, e assim se formou outra biblioteca no antigo Egito.

Ptolomeu II, Filadelfo, pagava tão bem os livros que animou com isso a sua falsificação. A biblioteca principal de Alexandria foi incendiada a primeira vez pela esquadra romana, 43 anos antes de Cristo. Ptolomeu Filadelfo foi quem fez traduzir para o grego os livros sagrados dos hebreus, hoje reunidos na Bíblia.

Pelo que se diz, foi durante o cerco de Alexandria, no ano 640, que Amru, comandante dos árabes, mandou incendiar a famosa biblioteca, já muito reduzida quando do primeiro incêndio, no tempo de Júlio César, e pelo segundo, que ocorreu durante o reinado de Teodósio.

Após a tomada da cidade, Amru ainda exortou seus soldados, dizendo-lhes: Tõda a ciência está no Alcorão; logo, se os livros dizem o mesmo, não são necessários e, se ensinam o contrário, o melhor, então, é queimá-los. Queime-se a Biblioteca!

O que Vale um Segundo

PODE parecer o contrário, mas um segundo vale muita coisa na vida da gente.

Um segundo é a menor divisão do tempo nos usos gerais e, quando consideramos que, num ano, há aproximadamente 31.558.000 de segundos, temos a impressão de que um período desses é demasiado pequeno para todos os efeitos práticos, que se quiserem.

Entretanto, podem acontecer muitas coisas, mesmo numa fração de segundo, uma onda, luminosa, por exemplo, atravessa, pelo menos, 75.000 léguas nessa extensão de tempo.

Uma corrente de electricidade tem ainda, provavelmente, maior rapidez. A própria Terra move-se em sua órbita à razão de quase 7 léguas por segundo, excedendo, assim, em muito, a máxima velocidade que pode ter uma locomotiva, lançada a todo vapor.

O diapasão normal francês executa 870 vibrações por segundo para produzir o "Lá" natural, mas a proporção das vibrações aumenta de modo progressivo nada menos que 3.520 vibrações por segundo.

Um projétil de artilharia, dos maiores calibres, sai da boca da peça com a velocidade de 700 metros, aproximadamente, por segundo; e as balas alongadas das modernas armas de infantaria, já não se contentam com menos que 1.000 metros de velocidade, por segundo, à saída do cano.

Como se vê, dentro dum segundo, pode acontecer muita coisa; e essa divisão tão diminuta do tempo, para muitos efeitos, pode ainda ser dividida em frações diminutíssimas.

Na fotografia, por exemplo, certos instantâneos têm sido apanhados com exposições de apenas 1.500 de segundo e até menores ainda!

O MINISTÉRIO ADVENTISTA